

to do Movimento Sem Terra, almoço celebra o penta: "Eu torci muito pelo futebol do Ronaldo. Ele foi o melhor. Só tive essa grande decepção por causa de seu comportamento irresponsável. O Ronaldo não precisava disso. E, se ele teve este comportamento, alguma razão ele tinha para fazer". Enquanto o Brasil inteiro caía no forró ou no samba, em Dois Irmãos a comemoração foi ao som de uma banda de Kerb.

Uma enfermeira pergunta se eles não vão comemorar. Nenhuma resposta. Nem mesmo a final da Copa diminui a fé dos fiéis. Depois da missa, a comemoração é com foguetório — e bombons. Em regimes aberto e semi-aberto, detentos de

albergue penitenciário não arredam pé da frente do televisor. Estudantes caboverdianos residentes em Porto Alegre comemoram o penta como se fossem brasileiros. "Como gostaria que tudo isso estivesse acontecendo com o futebol do nosso país". Às voltas com as emoções da disputa do pentacampeonato, a imprensa brasileira fingia que não via os sérios abalos que ocorriam na economia do país naquele mês.

A cobertura dos principais jornais *on line* foi ágil como manda o webjornalismo. Mas e a qualidade? Era um dos jogadores (acho que o Ronaldinho). 73 mil pessoas ao redor e uma adrenalina incrível correndo em minhas veias. De

um estranho modo, meu uniforme não parecia apropriado. Quando me dei conta, estava nu no centro do estádio. Longe do glamour de uma decisão de Copa do Mundo, treinador dá uma aula de estratégia na batalha do Parque Tamandaré. Em um coletivo da linha T1, pessoas que, apesar ou por causa do jogo, deslocavam-se pela cidade sem chance de assistir à vitória brasileira. Não era uma noite normal naquela boate no Centro da cidade. "Foi só Sukita com cachaça, como pode fazer mal?"

três por quatro copa do mundo a final que a gente não viu

Editorial

Enquanto o país inteiro se preparava para a partida mais importante das Copas do Mundo, estudantes de Jornalismo percorriam as ruas registrando imagens e histórias de brasileiros anônimos que, à sua maneira, davam contornos de realidade ao megaevento do outro lado do mundo.

Na ânsia de uma boa pauta, muitos de nós não assistiram à vitória, ou a comemoram junto a desconhecidos que, àquela altura, eram como se fossem velhos amigos.

Nossa jornada começou na tarde de sábado e se estendeu até o último gás da comemoração do domingo, 30 de junho de 2002. Numa boate do Centro de Porto Alegre ou numa casa penitenciária; num assentamento no interior ou num albergue em Caxias; dentro de um ônibus, num asilo, no pronto socorro. Sobretudo, na rua. Pois era ali, longe do espetáculo milionário que se desenrolava, que estavam histórias de vida que talvez nunca fossem contadas. E eram essas que nos interessavam.

Viveríamos a inédita final entre Brasil e Alemanha, na primeira Copa do milênio, exato momento em que produzíamos um jornal experimental. Um jornal com a cara que quiséssemos dar a ele. Se estúpido seria ignorarmos a existência de um evento dessa grandeza, pior se, na cobertura da final, reproduzíssemos o jornalismo insípido, burocrata e elitista da grande imprensa que tanto desejamos combater.

Por isso, ganhamos as ruas. Livres de gravadores. Nas ruas. Certos de que, embora fôssemos elaborar um retrato fragmentado e até perecível, estaríamos deixando o nosso registro da festa do povo. Com a nossa cara — e nas ruas.

Marília Bianchini



TRÊSPORQUATRO 2002/1

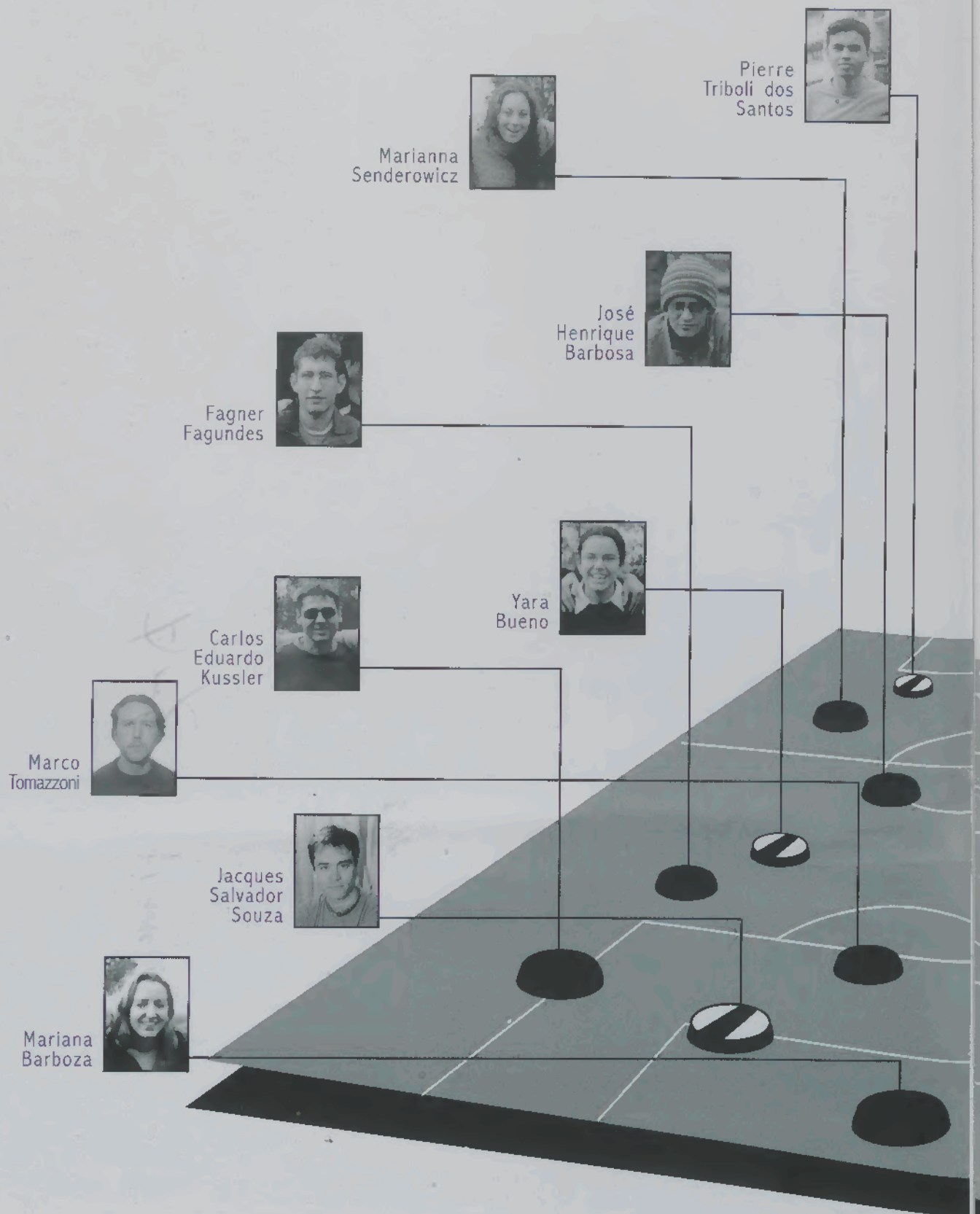
O Três por Quatro é uma publicação experimental da disciplina Redação Jornalística IV

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)

Impressão: Gráfica da UFRGS

Foto de capa: Daniel Cassol

Orientação: Wladimir Ungaretti



A Copa do Mundo na Costa de Caparica

Por Lourenço Cazarré

Sou leitor contumaz (internético) de um certo periódico português, editado na cidade do Porto, chamado *Jornal de Notícias*. Por meio dele, soube de um tremendo arranca-rabo ocorrido num bar da (cidade?) Costa de Caparica, no domingo, por ocasião da comemoração da conquista do pentacampeonato pelo Brasil. Foi quando brasileiros moradores naquela região juntaram-se no bar O Elétrico — de propriedade de uma conterrânea nossa, chamada Raquel Ferrais — para festejar a vitória.

No geral, depois de uma vitória futebolística, o brasileiro nunca fica contente ou alegre. Ele tem surtos de euforia desbragada. Em Berlim ou em Bagé, o torcedor brazuca precisa — sempre, necessariamente — compartilhar sua felicidade com os outros. Depois de um título mundial de futebol, então, nem se fala. Buzinaços, foguetórios, desvarios, carreatas, bandeiraços, quebras-quebras, porres, pauleiras, zoeira, histeria.

Pois bem, lá pelas tantas, segundo testemunhas portuguesas, os tupiniquins que birtavam n' O Elétrico começaram a exceder-se.

Baixaram as calças e expuseram as bundas, glabras ou hirsutas, indistintamente. Praticaram o famoso bundalê, performance que por aqui, na terra do fio dental, não causa mais espanto. Exibidos os traseiros, os festeiros inventaram de obrigar os portugueses que passavam pelo local a beijar a bandeira brasileira. Isso foi — como diria um mineiro — demais da conta.

Um patriota qualquer, português, chamou então a polícia, que chegou rasgando. Polícia, pelo que se sabe, é polícia em qualquer lugar do mundo. Meganha que se preza surge já de cassetete em punho. Os bravos homens da lei entraram, portanto, batendo o brim dos brasileiros. Foi um arraso. Total: seis feridos. Mas a polícia também teve suas baixas: dois pés-de-porco saíram feridos. A coisa foi feíssima, segundo quem estava por perto.

Depois de denunciar a "injusta carga policial", dona Raquel — que vive há 14 anos em Portugal — teria dito ao repórter do *Jornal de Notícias*: "Tenho vinte cadeiras partidas, a televisão caiu para o chão, a loiça está destruída, os clientes ficaram assustados".

Não sei, não. Se usou mesmo aquelas palavras, dona Raquel não pode mais ser considerada brasileira. Aqui as cadeiras estariam quebradas, a tevê teria sido jogada no chão e a louça, estraçalhada. Mas esses são detalhes insignificantes. Pessoalmente, acho que deveríamos romper os laços diplomáticos com Portugal. Estou profundamente indignado. De certo modo, acho até muito justo que a polícia brasileira baixe o sarrafo em torcedores brasileiros, se abusados, mas a polícia portuguesa...

Tirando esse incidente diplomático, ao longo de toda a Copa, não li nos jornais brasileiros nada que me parecesse tão interessante. Aliás, minto. Li, sim. Foi uma curta declaração do Maradona. Ao ser impedido de entrar no Japão, por ter usado drogas, o baixinho se mostrou espantado. "Como podem me negar o visto, se nunca fiz nada contra o Japão? Se estão dando visto até aos americanos, que jogaram bombas em Hiroshima e Nagasaki e que mataram milhares de pessoas, por que não posso entrar lá?" Maradona não é flor que se cheire, mas que a frase dele foi boa, isso foi.

Fabio
PrikladnickiHelena
KempfBasilio
SartorDaniel
CassolLeo
FelipeRafael
OliveiraGustavo
MendonçaBruna
BarellaProjeto Gráfico:
Ana Luisa BassoWladimir
Ungaretti

A profissão que emociona

"Todo brasileiro entende a alma da bola, sabe tudo sobre ela"
Gilberto Gil

A primeira lembrança que eu tenho de uma Copa do Mundo é a do ano de 1958. Não esqueço os nomes de Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Na sala da casa havia um recém comprado aparelho de TV. Um móvel imenso. Mas o rádio ainda era absoluto. Nele, o pessoal escutava, diariamente, no final de tarde, a novela "Jerônimo, Herói do Sertão". Não lembro de jornais desta época.

Esta Copa do novo milênio será lembrada pelo fato de ter estado envolvido com uma turma de estudantes de Jornalismo que, no seu todo, possui características indispensáveis ao exercício da profissão. Tem garra, iniciativa, emoção e a dose certa de arrogância desafiadora e indispensável. Em tempo de sites na Internet.

Mais uma vez, na condição de "professor", adotei a posição de um espectador privilegiado. Um articulador, permitindo que futuros jornalistas tivessem, mesmo que de forma limitada, a sensação de uma cobertura de um grande acontecimento. Sempre a idéia de uma pedagogia libertadora. Um momento singular, único.

Nas discussões preparatórias ficou claro que não iríamos viver esta experiência, tendo como parâmetros a grande imprensa corporativa. A idéia era realizarmos o nosso registro de tal forma que, passados alguns anos, outros jovens tivessem elementos para construir uma memória. Uma forma de reconstrução desse momento. Aliás, tenho a plena certeza de que ninguém deste 3x4 esquecerá desta Copa de 2002.

Na condição de jornalista que, nos tempos atuais, exerce a atividade de professor e, mesmo gostando do que faço, percebo, em momentos como este, o quanto é apaixonante o Jornalismo. O jornalista é um historiador do momento, do instante. É a partir de seus registros absolutamente singulares que temos uma memória, uma história. E tudo isso através da escrita, das fotos, das imagens (hoje) televisivas.

Não importa se a nossa cobertura não conseguiu estabelecer diferenciais. Não importa que nosso 3x4 apresente "defeitos". Estamos deixando registrados os "nossos olhares" sobre algo que tanto emociona nosso povo.

Se no semestre passado, mesmo tendo realizado um bom jornal 3x4 e uma boa revista Sextante, passei por momentos de grande tristeza, resultante da absoluta impotência diante da hipocrisia, num momento como este é indispensável que eu diga que escrevi estas linhas com outro sentimento. Escrevi com um sentimento de alegria.

Alegria resultante do convívio com este grupo de jovens que tem tesão pela vida. Só assim é possível o Jornalismo, nas ruas. Por ter a certeza de que este momento é privilegiado é que tenho uma atitude de troca. Passo a vocês tudo que estudo e quero ter acesso às pistas em direção do futuro. Vocês são o futuro. Que ele seja digno e comprometido com nosso povo e com as nossas verdadeiras emoções. Esta turma tem tudo para acertar a pista.

Com humildade e determinação faço a minha parte. Estaremos sempre juntos, nas próximas Copas, amarrados por uma lembrança.

Crônica do Divino

Por Divino Fonseca

Copa do Mundo é época em que quem não presta atenção a futebol vira entendido. E em que os jornalistas de esporte — os pretensamente entendidos — ficam chatos, ou mais chatos do que já eram. Com as exceções de sempre, é claro.

Os recém-chegados ao jogo são os que dão vida e alegria à festa — mulheres em geral, crianças sem jeito para a bola, vizinhos alegres que pintam ruas e penduram bandeiras nos fios. Porque suas opiniões pretendem ser sérias e profundas mas a gente vê que é só teatrinho, senha de quem só quer participar da festa, de quem se sente dentro de um filme de Hollywood com happy end garantido — e, se tudo der errado, amanhã a gente está noutra.

Já os críticos, esses também sonham com o final feliz, mas acham que ele só virá se o técnico seguir as opiniões deles. E se o Felipão teimou em seguir a própria opinião e ganhou, ah, o time ganhou apesar do Felipão. "A gente podia ter sofrido menos naquele 1 a 0 sobre a Turquia", ouvi um dos nossos dizer. Já o Juca Kfourri, meu colega de Lancel, escreveu depois de cada jogo que a vitória poderia ter sido

mais fácil se tivessem entrado o Vampeta e o Ricardinho — jogadores do time dele, o Corinthians.

No Rio, terra onde se clamou pelo ex-atleta Romário, foi pior. Lá os críticos ainda sentem saudade dos tempos românticos do tri. Em 94, até o mestre Armando Nogueira chegou a lamentar o tetra, por causa do "futebol feio". Mas dessa vez até os humoristas ficaram tristes. "Ganhou na sorte. Não vou mudar minha opinião sobre o Felipão só porque somos campeões", rosnou um ressentido Chico Anyisio em entrevista à Rádio Gaúcha.

O pessoal do Casseta, que antes da Copa primou pela grosseria e pelo mau-humor em relação ao Luís Felipe, deve vir na mesma linha. Se bem que tanto eles quanto o Chico, quando estão sozinhos, devem sentir a mesma alegria da gente comum.

Quanto a mim, continuo achando que o time só engrenou depois que o Felipão tirou o Juninho, encorpando o meio-campo com o Kléberson. Aliás, só não sou mais chato porque não tenho uma coluna para ensinar os técnicos a trabalhar direito.

“O futebol é simples: quem não sabe jogar vai para o gol. O dono da bola é o centroavante”

NILTON SANTOS



Fotos: Daniel Cassol

O general da várzea



Nairo Machado dá uma de médico e atende seu atleta: ele é alma e mente do título



Ele gesticula, grita e anda de um lado para outro. Não é Luís Felipe Scolari, mas o jeito é o mesmo. Nairo Machado, treinador da equipe do Vasco da Gama, o Vasquinho, tem o mesmo estilo general do treinador da Seleção. Não quer nem saber se a final que disputa é de campeonato de várzea. “Decisão é decisão. De futebol de botão à final de Copa do Mundo”, resume o técnico da equipe.

A bola rola para a final entre Vasquinho e Ninguém Ké, valendo o título de Campeão de Várzea do Parque Tamandaré, um dos 15 torneios cadastrados pela Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre, classificatório para o municipal. São quatro horas da tarde ensolarada de sábado e, enquanto a comunidade do bairro se diverte numa festa junina, boleiros acima de 38 anos começam a disputar a taça Paulo Robson Ragozzo. O único veículo de imprensa presente é “A Voz do Amador”, quatro anos, 59 números, comandado pelo jornalista

Luiz Carlos Oliveira, eterno defensor do futebol varzeano.

De um lado, o Vasquinho, cinco anos parado, agora jogando pelo empate. Do outro, o Ninguém Ké, time formado por atletas que outros times não queriam, menos de um ano de existência e três títulos na bagagem.

Nairo conta com a classe do volante Fininho, postura esguia, desarme limpo e toques refinados. Se Nelson Rodrigues estivesse ali, recriaria a expressão “Príncipe Etíope”. Betão, treinador do Ninguém Ké, confia na habilidade do atacante Clóvis, cabelos brancos e barriga estufando o uniforme. Lamenta que Alemão Sérgio, seu atacante rompedor, esteja improvisado no gol enquanto o goleiro não aparece.

Segredo — Primeiro tempo nervoso, de jogadas bruscas e pouco trabalho para os goleiros. Nairo arma um meio campo habilidoso mas de pouca eficiência na marcação. Fininho tem classe, não dá mais que dois toques na bola,

mas não se mete em divididas. Os zagueiros estão sobrecarregados e querem mais marcação. “Não quero jogo bonitinho, Fininho, quero bola na rede!”, berra um torcedor.

O treinador não quer saber de retranca. Manda o time bater em gol, aproveitando que eles estão sem goleiro. Qualquer que for a estratégia, porém, não é mais importante que guardar segredo sobre a vantagem do empate. O Ninguém Ké toca a bola com calma, arrisca alguns ataques mas parece gostar do 0 a 0. Até que se forma um burburinho junto à mesa.

É Gelson, massagista do time, que só agora fica sabendo que precisam vencer para conquistar o caneco. “O quê? Só esse campeonato pra ser assim mesmo!”, se exalta, exigindo mudança imediata no regulamento.

Intervalo. Atletas do Ninguém Ké são informados que só a vitória interessa. Nairo se esforça pra aliviar as brigas entre zagueiros e atacantes do Vasquinho. Mesmo com o empate a

favor, ele avisa: “Vamos continuar tentando a vitória”.

Mas ele não contava que o barrigudinho Osni, guarda-metas titular do Ninguém Ké, chegasse no meio da partida. Alemão Sérgio sai do gol. Sua missão ainda não foi cumprida. Ele veste a camisa 11.

Segundo tempo. Escanteio para Ninguém Ké. Bola na área e cabeceada certeira de Sérgio. Ela está na rede e ele bate a mão no peito, correndo para o abraço dos companheiros. É o nome da decisão.

Cinco minutos para o final do jogo. O banco do Ninguém Ké pede o fim da partida. O treinador manda os jogadores simularem lesão. Eles obedecem. O título, ao que parece, está em suas mãos. O Vasquinho está nervoso. Fininho é substituído e sai de campo injuriado. “Cansado, eu?”, reclama. “O treinador só quer que os ‘bruxo’ dele joguem”.

Tal como Felipão, Nairo passou o campeonato inteiro desacreditado. Assistindo ao jogo, o treinador do Curitiba, eliminado na semi-final pelo Vasquinho, não consegue acreditar: “Como fomos perder para um time desses?”, indaga a si mesmo.

Os jogadores brigam entre si e não conseguem esboçar reação. Nairo acaba com o último cigarro da carteira, abre os braços para o céu e parece não acreditar mais na vitória. Parece.

Redenção — Ele devolve ao jogo o craque da camisa 16, Barra, que havia saído no intervalo para a entrada de um marcador. Pelas regras do campeonato de várzea do Parque Tamandaré, o jogador substituído pode entrar de novo na partida.

Longe do glamour de uma decisão de Copa do Mundo, treinador dá uma aula de estratégia na batalha do Parque Tamandaré

E é Barra quem empurra a bola para dentro do gol usando o ombro. Longe dos golaços de Rivaldo, mas gol de qualquer forma. Delírio no banco do Vasquinho. O questionado Nairo Machado dá a volta por cima com uma verdadeira aula de estratégia. Fala o professor: “Jogo com dois volantes habilidosos para dar mais consistência ao ataque. Mas o Fininho estava mal, e acabamos perdendo terreno no meio-campo. Para conseguir o empate, coloquei de novo o Barra, que é veloz e poderia fazer gol. Deu certo”.

Logo mais ele assistirá à final da Copa, talvez menos nervoso do que estava no comando do Vasquinho. “Assisto aos jogos como torcedor. Mas, pra gente que vive o esporte, dá para tirar algumas idéias das partidas da Seleção”, revela.

Nairo já conseguiu um zagueiro e vai treinar o time no esquema 3-5-2 de Felipão para o campeonato municipal. Vai poder marcar melhor, liberar Fininho ao ataque e deixar os alas livres. Não recebe cumprimentos, não é carregado pelos jogadores e não vai ser recebido com festa quando chegar em casa. Recolhe o fardamento para a esposa lavar e toma seu rumo, discretamente soberbo, tentando colher algum louro pela vitória heróica da batalha de Tamandaré.

por Daniel Cassol

O ônibus não pode parar

Em um coletivo da linha T1, pessoas que, apesar ou por causa do jogo, deslocavam-se pela cidade sem chance de assistir à vitória brasileira

Das 23 pessoas que passaram pela roleta, apenas duas estavam com fones de ouvido



Mariana Barboza

Cheguei no ponto de ônibus próximo ao shopping Iguatemi quinze minutos antes do início da partida, quando os vários carros que passavam por ali buzinando começavam a sumir. Não tive surpresa ao ver a parada vazia, um cenário que, apesar de previsível, naquele momento me provocou uma melancolia inesperada. Um clima de conagração e festa parecia irradiar das televisões, das sacadas dos prédios e dos poucos carros que, àquela altura, cortavam a João Wallig, com bandeiras tremulando para fora das janelas.

Um homem logo se juntou a mim, também à espera do T1. Antônio, segurança do shopping, estava indo para casa depois de cumprir seu expediente noturno, com a esperança de ainda ver o final do primeiro tempo. “Será que o ônibus vai demorar muito? Não quero perder o primeiro gol do Brasil”, comentou, otimista. Para ele, depois que a Seleção havia vencido a Inglaterra, o título era só uma questão de tempo. Quando lhe perguntei se estava chateado por perder parte do jogo, ele respondeu, sorridente, que teve sorte: “Pior seria se eu tivesse de fazer o turno da manhã”.

Rotina — O ônibus demorou. Quando passei pela roleta, o relógio marcava oito horas e quinze minutos. Edson, o cobrador, estava ao lado do motorista, ouvindo a partida pelo rádio, e esperou o locutor respirar para cobrar nossas passagens. Minha expectativa de andar num ônibus vazio logo se revelou errada. Conteí 23 passageiros no percurso de ida e volta, apenas dois deles com fones de ouvido. Gente bocejando, rostos cansados, desanimação. Não fossem as fitas verdes e amarelas penduradas no espelho retrovisor do ônibus, pouca coisa ali faria menção à final.

Fátima, faxineira no shopping Praia de Belas, passaria o domingo varrendo o chão e recolhendo bandejas das mesas da praça de alimentação, como de costume. “Tem que ir, fazer o quê?”, resignava-se. Viúva, 50 anos, ela parecia não ligar muito para o campeonato. “A gente gosta quando o Brasil ganha, mas não muda nada, né?”

Arlindo, vendedor ambulante, rumava para o centro da cidade carregando numa sacola velha várias bandeiras de plástico, as quais esperava vender quando os torcedores saíssem às ruas para comemorar. “Tenho que estar lá antes de terminar o jogo, se não perco a freguesia”, comentou. Morador da Vila Jardim e pai de três filhos, havia faturado quase R\$ 200 durante a Copa, vendendo de apitos a camisetas baratas da Seleção. Perguntei o que aconteceria se o Brasil perdesse. “Aí, é voltar pra casa e dormir. Mas dessa vez não tem pra ninguém, sei que a gente vai ganhar.”

Na parada final, próxima ao Parque da Harmonia, o ônibus ficou parado uns vinte minutos, e só então pude conver-

sar com o motorista e o cobrador, que estranharam minha situação. “É pra qual jornal?”, perguntou Lucimar, decepcionado quando respondi que a matéria sairia numa publicação da faculdade. Ele dirige ônibus há nove anos, dois na linha T1. Já tinha perdido a decisão da Copa de 98, contra a França, por causa do trabalho. “Aquela foi melhor nem ver, uma vergonha.”

Nem que o Papa peça — Edson, o cobrador, não levava muita fé na Seleção. “Ô, timezinho ruim!”, dizia a cada lance perdido. “A gente só chegou até aqui porque, nessa Copa, estava todo mundo jogando mal”, comentou. Ambos pareciam resignados ao fato de só poderem acompanhar o jogo pelo rádio, do qual não desviavam a atenção. “Ônibus é que nem hospital, não pode deixar de funcionar nem que o Papa peça”, afirmou o motorista.

Não tive surpresa ao ver a parada vazia, um cenário que, apesar de previsível, me provocou uma melancolia inesperada.

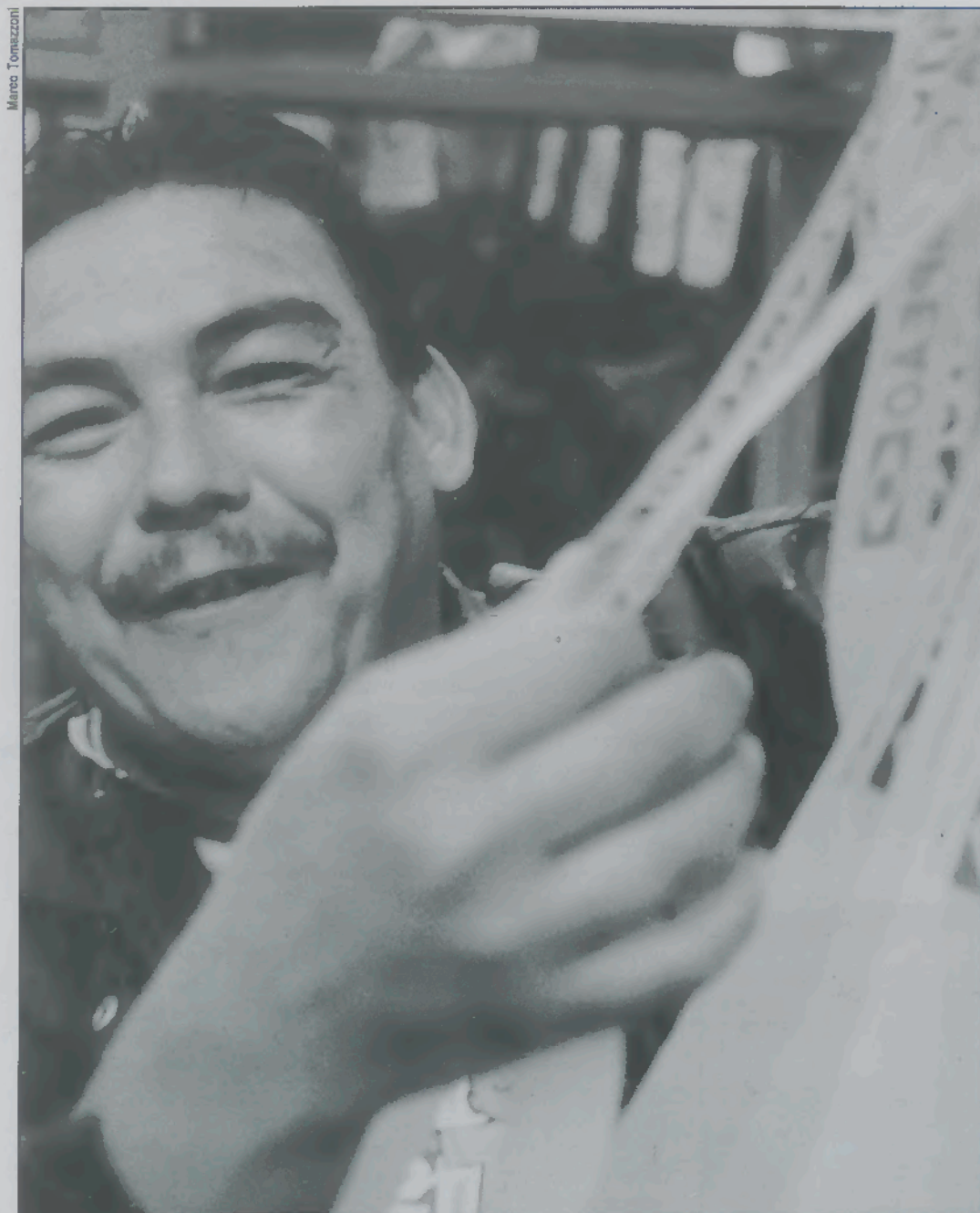
Depois do intervalo do jogo, o coletivo arrancou para continuar seu trajeto. No segundo tempo, conversei com a professora aposentada Clementina, 72 anos, que se dirigia à casa da filha. A mulher, de olhos grandes e expressivos, aproveitava o momento para se deslocar com tranqüilidade. “Depois do jogo, se o Brasil ganhar, vai ser um Deus-nos-acuda”, explicou. Na mão, trazia um pacote redondo, presente para o neto de sete anos. “Desde que começou essa Copa, o guri não pára de pedir uma bola nova. Prometi pra ele que hoje ganhava uma da avó.”

Guiando com lentidão pela avenida Ipiranga, Lucimar comentou: “Essa partida vai pros pênaltis, vai ser aquele sofrimento de sempre”. Alguns minutos mais tarde, já perto do shopping Iguatemi, onde eu havia começado minha jornada, a explosão aconteceu. O chute de Ronaldo cortou como um raio a monotonia daquele domingo no ônibus. O cobrador pulou da cadeira, Lucimar meteu a mão na buzina, e os dois passageiros que me acompanhavam também levantaram, gritando gol e trocando sorrisos. As poucas pessoas que estavam na rua ou nos carros respondiam com acenos e gritos de “é campeão!”

Dona Clementina desceu, o senhor de fone no ouvido também. Eu era o único passageiro, quando o segundo e decisivo gol foi marcado. “Agora deu, não tem mais pra essa alemoada”, sentenciou o motorista. Poucos minutos antes do juiz encerrar a partida, desci do ônibus, despedindo-me de Edson e Lucimar. “Na próxima Copa, tu vai ter que passar a final dentro do ônibus pra dar sorte de novo”, brincou o cobrador.

“Futebol, o esporte das multidões. Cada vez menos esportes e menos multidões”

MILLÔR FERNANDES



Marco Tomaszoni

É fácil fazer o povo sorrir

Não era uma noite normal naquela boate no Centro da cidade

“Tá lá mais um corpo estendido no chão!”. É o que diria Januário de Oliveira se estivesse na entrada daquela boate, em pleno Centro de Porto Alegre. Não havia sangue, como de costume. Podia ter sido porre. Misturei-me à roda de curiosos para tentar decifrar o que ele murmurava. “Quanto é que está o jogo?”, foi tudo que saiu de sua boca. “Calma, amigo. O jogo é só amanhã cedo”, alguém respondeu.

Dentro da boate, salão lotado, música alta, gente animada. Futebol era o único assunto permitido e a cerveja chegava a esquentar nos copos. As mulheres, com suas roupas provocantes, passavam despercebidas. Poucos dançavam. Não era mesmo uma noite normal. A cada minuto alguém consultava o relógio. A primeira briga veio apenas às três da manhã. Parecia ha-

ver um consenso para que tudo corresse bem até a hora da partida.

Assim que o telão foi ligado, todos vaiaram. Com muito esforço era possível enxergar alguns vultos. Havia chido, chuveiro, fantasmas. Mesmo assim, ninguém arredou o pé do lugar. Quando começou o pré-jogo, a música foi desligada. Todos fizeram silêncio, fato inédito por ali. Quando os times entraram em campo, quem ainda estava sóbrio sacudiu a cabeça de quem dormia. Era hora de cantar o Hino, bem alto. Houve quem cantasse até “Aquarela do Brasil”. Não importava, era final de Copa.

A Seleção jogava bem, o que poderia ser motivo para acalmar o pessoal. Engano. A cada gol perdido, um festival de copos e garrafas iam ao chão. O dono do estabelecimento passeava por entre a clientela com as mãos na cabe-

ça, desesperado. Não adiantava pedir para parar. Quando começou o segundo tempo, poucos ainda conseguiam vencer o cansaço. Estávamos ali por quase 12 horas. Mas com o gol de Ronaldo todos se levantaram — uns por euforia, outros por susto.

Com o segundo gol, a festa começou de fato. Depois de mais algumas dúzias de garrafas quebradas, o pessoal tomou as ruas. Dentro da boate, só os garçons, que começavam a limpar os cacos de vidro, a cerveja derramada e as poças de vômito da noite anterior. Debaixo da chuva, alguns pulavam. Outros caíam. Durante alguns dias, esse povo estaria mais feliz. Com doses altíssimas de ópio, receitadas de quatro em quatro anos, até que é fácil fazer o povo sorrir.

por Gustavo Mendonça

Vendedor ambulante anunciava: “Se vocês comprarem uma fitinha, o Ronaldo vai fazer um gol”. O fotógrafo não comprou. Um minuto depois, a festa era de ambos

Plantão médico

“Foi só Sukita com cachaça, como pode fazer mal?”

Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, segundo tempo de Brasil e Alemanha. Um casal se acidentou, na pressa de ir para casa de um parente. Para eles, o resultado da final foi um carro avariado, hematomas pelo corpo e uma bela “dor de cabeça”.

Logo em seguida, entrou pelos fundos uma moça sentada numa cadeira de rodas, com um radinho grudado ao ouvido. Vestia uma camiseta metade Brasil, metade Grêmio. Mesmo com o pé direito inchado, não parava de torcer pela Seleção. Estava acompanhada pelo pai e pelo namorado, que se divertiam com a situação. Riam dela que, de tão estabana, tropeçara na escada. Foi levada para a sala de raio-X.

“Tu não pode levar o radinho”, disse a enfermeira. A garota insistia, mas só com a intervenção de um médico a enfermeira cedeu. E foi de dentro do raio-X que se ouviu o grito de gol. Comemoração de todos que estavam ao redor. A moça saiu da sala falando muito e, ainda com o rádio, foi levada para o gesso.

Terminado o jogo, a comemoração discreta dentro dos corredos foi interrompida pela chegada de um meni-

no de 12 anos. Com a mão ensanguentada, foi levado direto para a sala de suturas. Escondia de si mesmo a mão direita. As pontas dos dedos polegar e indicador estavam estraçalhadas. Enquanto o médico limpava os ferimentos, o menino contou o que acontecera: “A gente estava estourando umas bombinhas. Ai eu vi que uma não tinha estourado direito, peguei com o alicate e apertei para estourar o resto.”

A enfermeira que cuidava do garoto saiu para avisar o Serviço Social. O pai do menino, ao deixar o filho se machucar daquele jeito, havia transgredido uma regra do Estatuto da Criança e do Adolescente e sofreria punição, via Conselho Tutelar.

Vindas da avenida Goethe, um bando de meninas trazia uma amiga que passava mal. “Foi só Sukita com cachaça, como é que pode fazer mal?”, se perguntava. Mais tarde, o menino da mão estraçalhada era liberado. O pai estava nervoso. O filho, assustado, parecia que recém se dava conta de que, na intenção ingênua de se divertir, havia perdido parte da mão.

por Jacques Salvador Souza

“O pior é que as tristezas voltam e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

07



Yara Bueno

O dia em que a Alemanha chorou

Quem assistiu à final na estação rodoviária, em Porto Alegre, pôde testemunhar dois acontecimentos extrasensoriais — e uma quase profecia que caiu dos céus

Na manhã daquele domingo nublado, enquanto iniciava o jogo, a estudante de pedagogia Patrícia Silveira chegava à rodoviária de Porto Alegre com uma bolsa a tiracolo. Dali a uma hora partiria para Guaíba: “Vou visitar meu namorado. Como moro em Canoas, tinha medo de chegar tarde na rodoviária”. Os fins de semana são os momentos que os dois têm para ficar juntos, e a final da Copa não seria motivo para alterar a rotina do casal. “Não sou muito chegada em futebol e ele também não”, disse. “Ninguém fica prestando mais atenção no jogo do que no outro.”

Para a maioria da população, não assistir à final de uma Copa em que o Brasil esteja na disputa pode ser uma insanidade. No entanto, alguns dos passageiros prestes a tomar seus ônibus durante a partida relativizavam a importância do jogo. “Se der gol, a gente sabe. Alguém vai ter um radinho”, disse o relojoeiro Mario Bobulak. Ele embarcaria aos 15 minutos do primeiro tempo para Águas Claras, onde mora sua irmã. Por que viajar nesse horário? “Já estava marcado”, justificou, conformado.

Janaina de Campos, doméstica na capital, embarcaria no mesmo horário para Granja Vargas, onde mora. Ela queria viajar no dia anterior, mas teve um serviço “de última hora”. “Estou curiosa para ver o jogo, com certeza”, disse. “Espero que o Brasil ganhe. É a esperança de todo mundo.”

A final vista da rodoviária pode ser mais empolgante do que se imagina. “É melhor assistir aqui do que em casa”, disse a vendedora de passagens

Banquete — Praticamente todos os proprietários das lojas e lancherias arranjaram televisores para funcionários e clientes assistirem à partida. Um dos lugares mais movimentados era o bar próximo ao ponto de táxi, que juntou cerca de 50 pessoas em suas dependências. Os funcionários pintaram listras verdes e amarelas nas bochechas, e um ou dois clientes vestiam as cores do Brasil. “A maioria dos que estão aqui são taxistas”, disse a caixa Fátima Farias.

Era seu dia de folga, mas foi trabalhar para acompanhar a partida com

os colegas. Seu entusiasmo era de embulhar o estômago: “Trouxemos salgados, pipoca, pinhão, pizza e costela de porco”. Ione Mello, emissora de passagens, aproveitou um de seus intervalos nos guichês para conversar com conhecidos na lancheria. Ela concorda que a final vista da rodoviária pode ser mais empolgante do que se imagina. “É melhor assistir aqui do que em casa, é mais agitado.”

Entre as dezenas de taxistas que acompanhavam o jogo, estava Renato Mendes, trabalhando há dez anos no ponto da rodoviária. Ele pegou no batedor no dia da decisão por peso na consciência. Havia machucado a perna no fim-de-semana anterior, jogando bola, e passou a semana inteira em repouso. Ainda mancando, mostrava que o número de carros no ponto estava reduzido pela metade: “Agora tem uns 50 táxis aqui. Normalmente tem uns 100”. Embora estivesse otimista quanto ao resultado, ele não aparentava grande empolgação quanto às comemorações posteriores. “O ponto não pára, a comemoração é o trabalho”, sentenciou.

Mas nem todos puderam assistir ao jogo pela televisão. Os atendentes de outra lancheria, por exemplo, ficaram a ver navios. Gelson Dutra, um dos funcionários, explicou: “A TV não pega aqui”. Enquanto acompanhava a partida pelo rádio, aproveitava para achincalhar seu colega, Cleo Montanari, o “Alemão”. Este, por sua vez, não escapou nem das brincadeiras dos clientes: “Fritz, Fritz, daqui a pouco tu apanha”, disse um sujeito, antes de pedir um café. O autor da facécia, Enio Cardoso, também trabalha na rodoviária, em uma pastelaria, onde, segundo ele, “não tem espaço” para um televisor. Mesmo sem assistir à partida, arriscou, em tom professoral: “Não vai ser fácil”.

Premonição — Os ônibus que chegavam eram poucos, e deles desembarcavam no máximo cinco passageiros. Tiago Giannichini era um deles. Estava em um congresso da Pastoral da Juventude, em Santa Cruz do Sul, e chegou no segundo tempo. Ele não sabia do andamento do jogo: “Não tinha rádio, mas o motorista estava ouvindo. Fiquei observando a reação dele para tentar saber o que estava

acontecendo”. Seu desembarque, pouco antes do primeiro gol da seleção brasileira, foi, em sua opinião, o que iluminou Ronaldo. “Viu? Cheguei e dei sorte”, disse.

Um segundo fato extra-sensorial foi testemunhado por quem acompanhava a final na rodoviária. Com a pressão germânica após o gol do Brasil, um bêbado com um rádio mal sintonizado grudado ao ouvido gritou: “Eu não quero um! Quero dois!”

Prontamente atendido, assistiu comovido ao segundo tento. “Eu não falei?”, gritava no ouvido dos outros clientes. A essa altura, a euforia tomou conta dos torcedores que se distribuíam pelos diversos estabelecimentos, da moça do quiosque de informações que espiava o jogo na TV da loja em frente ao jovem com o cabelo ao estilo Ronaldo, vendo a partida com os taxistas. A garoa, que até então caía contida sobre os suados e tensos por-

to-alegrenses, tornou-se espessa aos 40 minutos do segundo tempo.

“Está chovendo! Olha o choro alemão!”, profetizou um cliente.

Oito minutos depois, o juiz apitava final de jogo. Os taxistas correram para seus carros e puseram-se a buzinar desenfreadamente. Se a comemoração é o trabalho, o melhor era colocar as mãos à obra.

por Fabio Prikladnicki

O habitual carteadado dos taxistas foi substituído pela torcida em frente aos televisores das lancherias



Marco Tomazzoni



Helena Kempf



Yara Bueno

Fotos: Bruna Barella



As meninas pulam de colo em colo, como se fossem filhas de todos. A mãe de verdade não as conhece: é alcoólatra e violenta

A gente simples do Albergue de Caxias do Sul ainda espera por sua vitória

“O que muda na nossa vida com o penta?” A pergunta foi lançada a doze pares de olhos e doze sorrisos francos quando o jogo acabou. Eles se tornaram sérios: “Acho que o para o Brasil vai ser bom, para negociar lá no estrangeiro”. Quem diz isso é o porto-alegrense Edson, de 21 anos, chamado no Albergue Municipal de Caxias do Sul de Alemão. Ele acompanhou toda partida com um interesse quase religioso. Não por acaso trazia no braço um terço de madeira que apertava com as mãos nos momentos de tensão. Gremista, adora futebol desde pequeno. Para ver seu time jogar chegou a despençar de uma árvore, junto com o amigo José Roberto.

Eles se conheceram na rua, em Florianópolis, e se encontraram no albergue meses depois. José Roberto tem 32 anos. Conta que veio a pé de Curitiba a São Marcos, de onde pegou um ônibus para fazer os cinco quilômetros até Caxias. No Paraná, fez sucesso no futebol de várzea. Qual sua posição? Ele ri de novo: “Atacante, moça, pois não sou brasileiro?”

Eram 30 hóspedes no Albergue Mu-

nicipal. O frio e a forte chuva impediram que saíssem após o café da manhã, como de costume. Nos corredores, que cheiram a água suja e comida estragada, muitos perambulavam com ar vazio. Na saleta de fumar estava Sérgio, 39 anos, barbas e cabelos compridos, pitando tranquilamente um palheiro: “Fiquei sabendo que a final era contra a Alemanha hoje de manhã”.

Alcoolismo — “As últimas finais que assisti foram na época de Pelé e Garrincha. Eles sim jogavam por amor a camisa. Hoje jogam por amor ao dinheiro.” Romildo lahan, 60 anos, não esboçou sequer um sorriso com a vitória do Brasil. Mas sorriu para as duas meninas de dona Raquel. Elas pulavam de colo em colo, como se fossem filhas de todos. Raquel, 41 anos, já é avó de Bruna, três, e Ariane, quatro. A filha não as conhece, é alcoólatra e violenta. O alcoolismo, aliás, também é o problema de Romildo e de outros homens do albergue que evitariam comemorar o penta com alguns goles. Quem chega bêbado ou drogado não entra no Al-

bergue à noite. Antes de ir parar lá, o ex-colono Romildo morou num acampamento do Movimento Sem-Terra, em Fazenda Souza. Quando eles se foram, Romildo ficou na cidade. Como bom caxiense, diz que um dos motivos que o levaram a deixar o cigarro foi o dinheiro. “Há 25 anos, peguei uma carteira e joguei fora. Por que com a bebida eu não consegui ainda?”

“É uma oportunidade de ter um pouco mais de alegria e continuar lutando.” A artista plástica Sônia Maria dos

José Roberto fez sucesso no futebol de várzea do Paraná. Qual sua posição em campo? “Atacante, moça, pois não sou brasileiro?”, sorri

Santos, 46 anos, elabora com cuidado suas frases. Como quem não quer nada, arrasta-se pelo sobrado de muletas, por causa de uma lesão no joelho, para pegar um recorte do jornal Diário de Canoas. Há alguns meses foi publicada uma matéria sobre seu trabalho. Na época, Sônia até conseguiu um patrocínio e uma casa alugada. Mas o contrato não fechou e ela teve que voltar a pleitear um espaço nos concorridos albergues de Porto Alegre. Ela está sem trabalhar por falta de material e porque mal consegue se mexer. Na hora de comemorar o gol, batia palmas e enchia os olhos de lágrimas.

Gente simples — O clima é de camaradagem, apesar da alta rotatividade do albergue. A maioria das pessoas não fica ali mais de uma semana. Boa parte vem de fora e procura a Fundação de Assistência Social (FAS) para entrar em programas de ajuda aos migrantes. Cada um que chega vem em busca algo. Dona Sônia quer uma cirurgia no joelho. José Roberto espera um emprego. A única moradora é Marli, que ajuda nos serviços domésticos.

“Olha só, olha só”, animava-se José Roberto. “Agora o mundo todo está olhando pra gente.” Mesmo dentro de Caxias, poucas pessoas olham para o Albergue. É o lugar de excluídos e esquecidos da cidade “próspera”. Para conseguir pouso é preciso procurar o posto da Brigada Militar, a seiscentos metros do local. A pessoa é registrada e encaminhada para a FAS.

“Gosto mais do Cafu e do Roberto Carlos, porque são gente simples como a gente”, diz José Roberto. Assim como Ronaldinho Gaúcho, que era pobre antes de seu irmão fazer sucesso. Gente que tem a cara deles. Dona Sônia completa: “A Seleção foi ao Japão desacreditada, como é o povo da rua”. A alegria do albergue é bem diferente do verde-amarelo que já tomava conta da cidade quando a chuva parou. É uma felicidade gasta, puida e apagada, de pessoas acostumadas a levar bolas nas costas, mas que ainda esperam — e lutam — por uma vitória.

por Bruna Barella

Excluídos da cidade próspera



“O futebol aliena e, no que se coloca o futebol neste plano exagerado, outras situações básicas para a vida do ser humano ficam esquecidas.”

TADEU RICCI

09

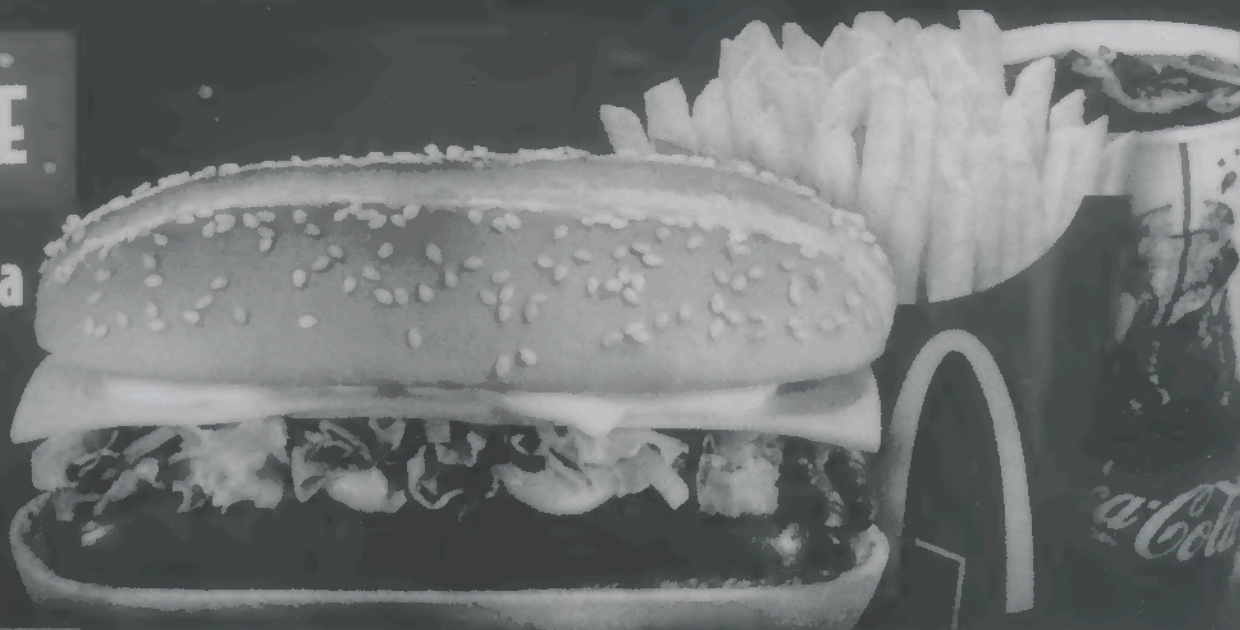
Sugestão do mês

HOJE É DIA DE

McAlemanha

+ McFritas média
+ Coca-Cola 500ml

R\$ 6,10



TODO DIA UM SANDUÍCHE DIFERENTE.

COPA DO MUNDO DE SUBSÍDIOS MCDONALD'S.
Início em 02/05. Término em 30/06.



O Caturrita entra em campo

Em um assentamento do Movimento Sem Terra, almoço celebra o penta

Quando o segundo tempo do jogo começou, a galinha já estava assando no fogão a lenha. Mas ainda faltavam as batatas. Quem as descascaria? Antônio pediu ajuda ao filho Abel, 17 anos. Concentrado em frente à televisão, ele recusou. Talvez o pequeno Max pudesse colaborar. A tarefa, porém, era um tanto arriscada para uma criança de quatro anos.

O garoto continuava acomodado no sofá, embora não prestasse muita atenção no jogo. Ver televisão não é o passatempo preferido dele. Max prefere passear com o cachorro, no pátio de casa. Ou então brincar com o gato de estimação, batizado com o curioso nome de "Gato". A decisão de uma Copa do Mundo não prendia a atenção do menino.

- Por que a gente não vai jogar futebol de verdade, no campinho?, perguntava Max ao tio Abel.

- Nós vamos, depois que acabar a partida do Brasil, respondeu o tio.

Naquele dia, tão importante quanto a final era o torneio que aconteceria mais tarde, no campo de futebol do assentamento Caturrita, município de Arambaré. Nem a chuva era motivo para adiar a disputa, que teria a participação das equipes dos assentamentos vizinhos. Afinal, pelo menos outras duas fazendas habitadas por integrantes do Movimento Sem Terra se locali-

zam a menos de dez quilômetros do Caturrita, que fica próximo à BR-116.

Equipes de quatro jogadores disputam as medalhas. Abel, integrante do time do assentamento Caturrita, tentava pensar no campeonato local somente depois do desfecho da partida entre Brasil e Alemanha. Max, porém, não se empolgava muito com o espetáculo televisivo.

- Quero brincar agora, insistia.

- Agora, não. Estou vendo o jogo!, irritava-se Abel.

Domingo — A idéia inicial não era ficar em casa durante a partida. Os jogadores do Caturrita planejavam se reunir na sede comunitária do assentamento. A ausência de uma antena adequada, entretanto, impediu o encontro no local.

Os jogadores tiveram de permanecer com seus familiares - o assentamento abriga 25 famílias - mas programaram uma confraternização assim que o Brasil erguesse a taça. Era com o objetivo de reunir o grupo que Antônio preparava o almoço daquele domingo. Dessa vez, ele não podia contar com a ajuda da esposa, que teve de ir à cidade levar a mãe ao médico.

Mesmo assim, agradava ao agricultor a idéia de reunir o time em sua casa. Futebol é um dos principais meios de lazer no assentamento. "O lugar tem de oferecer mais do que estudo e trabalho, para evitar que os mais jovens sejam atraídos pela cidade. Por

isso a importância do campo de futebol", explicava.

Crianças e jovens se deslocam diariamente até as escolas do centro urbano de Arambaré ou do município vizinho, Camaquã. Os estudantes utilizam como transporte um ônibus cedido pelas prefeituras. No assentamento, há somente aulas destinadas à alfabetização de adultos, ministradas por educadores selecionados entre os próprios agricultores.

Não era na escola, contudo, que Max pensava no momento do jogo. Cansado de pedir a Abel para que desistisse de acompanhar a transmissão do Mundial, o garoto acabou se conformando em esperar o término do evento. Só então seria possível ir brincar na companhia do tio.

"É preciso oferecer mais do que estudo e trabalho, para evitar que os mais jovens sejam atraídos pela cidade", explicava o agricultor

Max procurava uma das meias quando o Brasil fez o primeiro gol. Empolgados, Abel e Antônio falavam que, se o resultado do jogo fosse confirmado, um vizinho teria de caminhar alguns quilômetros até o armazém mais próximo para comprar comida e distribuir entre os que apostaram no triunfo do Brasil. "Ele prometeu que vai trabalhar para os outros agricultores durante a semana, caso a Alemanha

seja derrotada", ressaltava Abel.

Trabalho é que não faltaria para o torcedor que apostava na vitória alemã. Ele auxiliaria no plantio do arroz ou no cuidado com o rebanho, formado por cerca de 200 cabeças de gado. Também poderia ajudar na manutenção das hortas do assentamento. Cada família dispõe de uma horta, utilizada para o cultivo de alimentos como batata, milho e feijão, destinados à própria subsistência.

Quando o Brasil voltou a marcar, a expectativa na casa de Antônio já nem era em relação ao cumprimento da aposta. Pai e filho torciam para que a Seleção tivesse o goleiro menos vazado. Para tanto, era preciso fazer mais um gol na Alemanha.

Futebol de verdade — O terceiro gol não veio, mas todos comemoraram o encerramento da partida. Principalmente Max, que por fim iria brincar de verdade. Talvez até jogar futebol de verdade. Antes, porém, Max e Abel tinham de passar na casa dos demais jogadores do assentamento, convocando-os para o almoço.

Alguns minutos de caminhada eram suficientes para eles chegarem até a banca de produtos, localizada na beira da BR-116. É ali que são colocados à venda os poucos produtos excedentes da produção agrícola familiar, junto com mel, ambrosia e doce-de-leite. A lado da banca moram os irmãos Rafael e André, integrantes da equipe de futebol.

No violão, Rafael executava o tema da Globo para a Copa, seguido pelo Hino Nacional. André anunciava que uma multidão estava em festa na Avenida Paulista. Entre eles, a expectativa era em relação ao desempenho do time no campeonato local.

O quarteto foi surpreendido por uma forte chuva no caminho de volta. Abel, Max, Rafael e André buscaram abrigo na moradia mais próxima. Logo em seguida, uma Kombi estacionou no pátio. Era o pai de Rafael e André, que ia levar o grupo até a casa de Antônio, onde aconteceria a celebração. Assim que completaram o percurso, a chuva parou. Abel aproveitou para avisar os outros amigos que a hora da refeição se aproximava.

Antônio começa a colocar os pratos na mesa. No cardápio, galinha e batata assada. Para beber, batida de ananás. A Seleção Brasileira fez sua parte. Mais tarde, a equipe do assentamento Caturrita é que entraria em campo.

Antônio Cardoso Jardim, 44 anos, vive no assentamento Caturrita desde que o local foi criado, em 1996. Além de Abel, ele tem um filho, que mora em um assentamento rural na cidade de Canguçu, e uma filha adotiva, mãe de Max. Antônio nasceu em Osório e morou durante muito tempo em Guaíba. Já a esposa dele é de Camaquã, assim como a maioria dos agricultores ali assentados.

por Pierre Triboli dos Santos



Prestes a completar 20 anos, a revista *Gool* nunca havia sido tão badalada. Depois do sucesso do seu lançamento, em 1983 — ano em que o Grêmio conquistou seus dois maiores títulos — as dificuldades financeiras imperaram. A publicação só se manteve firme por conta da obstinação de seu fundador, fotógrafo e redator, José Aveline Neto. Um pequeno incidente, no entanto, pode ter mudado a vida da revista. Na sua segunda cobertura de Copa do Mundo, Aveline foi personagem de um rebuliço que correu o mundo. “Felizmente ou infelizmente”, diz ele. Na festa dos jogadores da Seleção Brasileira após a vitória contra a China, no exercício de sua profissão, Aveline teve sua máquina fotográfica confiscada por ninguém menos que Ronaldo, o “Fenômeno”.

Aos 52 anos, ele nunca frequentou uma faculdade de Comunicação. Costuma dizer que aprendeu jornalismo “na paleta”, com seu pai, João Batista Aveline. Nesta entrevista, o jornalista esclarece o que realmente aconteceu na polêmica madrugada e fala de suas impressões sobre a Copa do Mundo de 2002.

JOSÉ AVELINE NETO

O que aconteceu na festa dos jogadores depois do jogo contra a China?

Eu fui fotografá-los numa boate lá em Sogwipo. Havia outros jornalistas, até alguns estrangeiros. Outros fotógrafos estavam fazendo fotos dos jogadores. Eu estava fotografando o Ronaldinho Gaúcho, mas o Ronaldo Fenômeno achou que eu estivesse fazendo fotos dele também e veio com um segurança. Me tomou a máquina na marra, empurra daqui, empurra dali... Um comportamento agressivo, muito antiético e antiprofissional. Aquilo me decepcionou muito, porque eu sempre tive muita admiração e respeito pelo futebol e pelo comportamento dele. Achava que ele era sempre um sujeito muito pertinente, até nas suas declarações e entrevistas. E aquele comportamento dele foi atípico. Acho até que alguma coisa aconteceu naquela madrugada. O que fez com que ele tivesse esse comportamento na madrugada, cinco horas da manhã, na boate?

Eu fui roubado no aeroporto de Kempo, em Seul. Eu tive que tirar a pochete e a valise para passar no raio-X do aeroporto. Assim que passou, o Haroldo de Souza e o Luiz Carlos Reche pediram que eu pegasse um carrinho para colocar a bagagem, então deixei minhas coisas no outro carrinho com eles. Neste meio tempo, questão de 20 segundos, minha pochete e a minha valise desapareceram. Perdi meus dólares, *traveller-checks*, máquina fotográfica, cartão de crédito, carteira de identidade, minha agenda pessoal e outros documentos. Então, aproveitei para comprar uma máquina descartável, mas de qualidade.

Havia alguma ordem expressa da delegação para que não fossem feitas fotos?

Não, em absoluto. Eu até procurei me informar com dois fotógrafos do Rio Grande do Sul, o Mauro Vieira, da Zero Hora, e o Silvio Ávila, para saber se realmente houve alguma determinação da CBF. Os

Quero minha câmera

“Eu torci muito pelo futebol do Ronaldo. Ele foi o melhor. Só tive essa grande decepção por causa de seu comportamento irresponsável. O Ronaldo não precisava disso. E, se ele teve este comportamento, alguma razão ele tinha para fazer”

Ele estava fazendo alguma coisa comprometedor?

Eu gostaria de dizer assim: ele estava se divertindo com outros jogadores. O Ronaldo achou que eu o estivesse fotografando e se preocupou. Serviu o chapéu e ele teve uma atitude incoerente, irresponsável e inconseqüente.

Mas havia mulheres envolvidas? Havia mulheres, é verdade.

Foi por isso então? Porque fotos como essas prejudicariam a nova imagem do Ronaldo “pai de família”?

É possível que ele pense assim. Talvez ele tenha imaginado que eu estivesse fotografando ele, mas se ele estava com mulher ou não, eu até então não tinha observado. Mas havia mulheres.

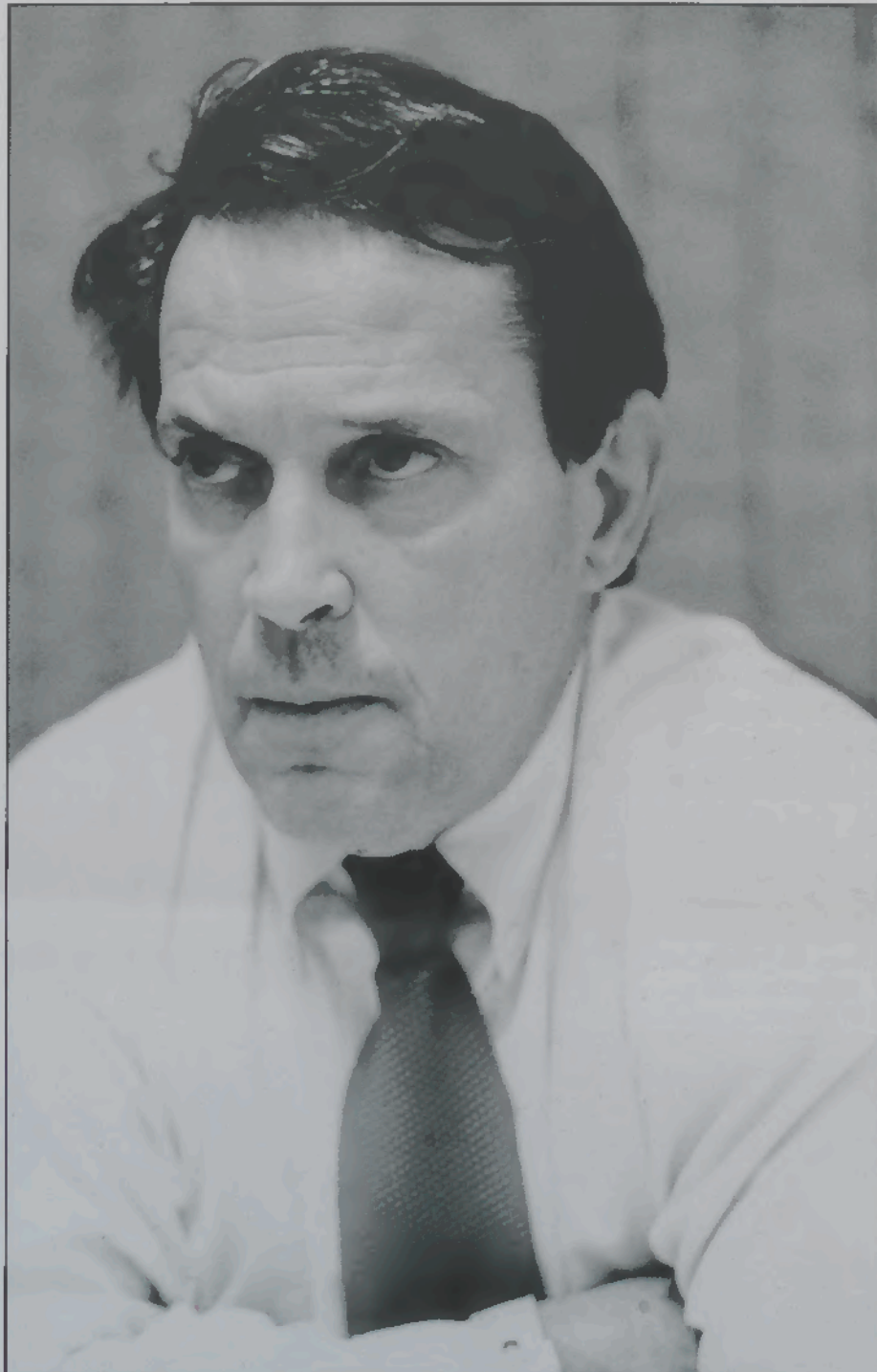
O equipamento era caro?

Não, era uma máquina fotográfica descartável.

dois foram categóricos e disseram que não houve determinação ou acordo nenhum. E eles até disseram que, mesmo que houvesse uma determinação de que não se pudesse fotografar, eles furariam o bloqueio. Jornalismo tem que ser sério. Se as pessoas são públicas e estão em ambiente público, e se o repórter ou o fotógrafo é bom, ele vai lá, faz a matéria e está acabado. Eu só não faria se os jogadores estivessem no apartamento ou na casa deles, porque isso seria invasão de privacidade.

Como foi a assessoria de imprensa da CBF? Muita gente elogiou o trabalho do Rodrigo Paiva, assessor da seleção e também assessor particular do Ronaldinho, por fazer o Felipão e a imprensa de Rio e São Paulo se darem bem. Ele privilegiou o Ronaldo de alguma forma?

Eu estive duas vezes conversando com o Rodrigo Paiva lá na Coreia e não dava para sentir esse lado pessoal dele com Ronaldo, deixando de lado outros jogadores. Em relação aos jogadores



Yara Bueno

e o seu envolvimento com a imprensa foi bom. Mas em relação a mim me decepcionou. No incidente com o Ronaldo, eu estive no hotel da seleção brasileira na Coreia e procurei o Rodrigo Paiva para colocar a veracidade dos fatos. Pedi a ele que intercedesse junto ao Ronaldo para pedir que ele me devolvesse a máquina. O Rodrigo disse que não tinha problema nenhum e prometeu me devolver. Deu entrevistas para outros veículos de comunicação do Brasil e do mundo dizendo que eu poderia ficar tranquilo, que José Aveline Neto iria receber a máquina. Até hoje não me devolveram. Foi uma decepção porque ele, como assessor direto do Ronaldo e assessor de imprensa da Seleção, teria a obrigação de fazer o jogador me entregar a máquina. Casualmente, há poucos dias eu mandei uma correspondência registrada para ele até para isentar de um processo. Se eu receber a máquina eu ponho uma pedra em cima, esqueço e está acabado. Não tenho interesse em sensacionalismo, de me promover em cima de coisas dessa natureza, mas eu quero resguardar meus direitos. Tinham imagens minhas nesse filme.

Se essa máquina não chegar nas tuas mãos, tu pretendes entrar na Justiça?

Eu estou tentando buscar mais elementos que comprovem a veracidade dos fatos. Acredito que não vou mais receber a máquina, mas o prejuízo moral foi enorme. Eu fiquei na Ilha três, quatro dias esperando, procurando a assessoria jurídica da embaixada e não consegui. Já tinha terminado o jogo do Brasil, todos os repórteres já tinham ido embora. Fiquei sozinho lá, numa situação muito difícil para quem não sabe falar inglês muito menos coreano. Consegui registrar queixa na Polícia coreana, mas para eles eu era um débil mental. Eles não conseguiam acreditar como o Ronaldo Fenômeno, o Ronaldo milionário, fosse roubar uma máquina de um fotógrafo. Isso criou um problema psicológico grande.

Falando de futebol, o Brasil apresentou um futebol de qualidade?

Acho que o Brasil foi o melhor de todos os times. Saí do Brasil achando a defesa um pouco vulnerável, mas como na verdade o Brasil não encontrou seleções que atacassem com força, velocidade e qualidade, conseqüentemente a defesa

até se saiu bem. O Brasil não teve adversários, a não ser a Bélgica. A Bélgica foi o país que mais deu aquele "calor futebolístico". É verdade que o Brasil ganhou, foi melhor, mas na minha opinião a Seleção não teve adversário à altura.

A imagem dessa Copa é a imagem da surpresa? Seleções desacreditadas se destacaram e seleções como a Argentina e a França foram uma decepção.

A verdade é que quando todos nós saímos daqui, estávamos preparados para enfrentar Argentina, Itália, França, Senegal ou até a Inglaterra. A crônica esportiva do mundo inteiro se decepcionou porque não encontrou nessas seleções time suficiente para ganhar do Brasil. Foi uma surpresa, pois várias seleções que estavam cotadas caíram cedo. A gente esperava uma nova final de Brasil e França, ou Brasil e Argentina. Mas como essas seleções caíram cedo, o Brasil foi favorecido.

Qual foi a tua impressão dos dois países-sede da Copa?

No Japão, a gente encontrava dificuldades primeiro pelo custo de vida, que é horrível de caro, e pela falta de comunicação. Os japoneses não adotaram um esquema como a Coreia, onde em todos os lugares havia serviço de tradutores de portu-

guês, espanhol, inglês... Até estranhei porque o Japão, apesar de ter uma cultura tecnológica bem avançada, não se preparou para a Copa do Mundo. Foi uma Copa do Mundo atrasada e até vergonhosa, porque eles não tiveram este preparo todo da comunicação, que era muito importante. Em Yokohama, foi uma final de Copa do Mundo sem muita graça porque não colocaram telões. Alegavam que os brasileiros e estrangeiros iam deprender. A Coreia foi bem diferente neste aspecto. E, em se tratando de futebol, a Coreia também deu um show, não falando só na seleção mas também na torcida, que mesmo perdendo saía às ruas festejando, todo dia, toda hora. No Japão não, os japoneses foram muito frios.

Tu achas que o Brasil pode sediar uma Copa do Mundo?

Não teria as mínimas condições. Primeiro por questões culturais, econômicas, sociais, políticas. Se tu perguntares se nós temos estádios para preparar uma Copa do Mundo, eu diria que sim, mas até pelo aspecto tecnológico não teríamos condições em hipótese alguma.

De alguma forma a Copa não disfarçou alguns problemas do país? Durante os jogos, nós estávamos com a cotação mais

"Se as pessoas são públicas e estão em ambiente público, e se o repórter ou o fotógrafo é bom, ele vai lá, faz a matéria e está acabado. Eu só não faria se os jogadores estivessem no apartamento ou na casa deles, porque isso seria invasão de privacidade"

alta do dólar desde que iniciou o Real, a gasolina aumentou no domingo da final e ninguém comentou nada.

Isso é uma estratégia política, não é? Os nossos governantes, e isso já vem de anos, sempre procuram mudar as coisas no momento em que o nosso povo está voltado para alguma outra coisa, especialmente o futebol. É uma questão evidentemente política. O poder econômico deste país é o que prevalece. No dia em que nós conseguirmos mudar esta questão, vamos conseguir um desenvolvimento cultural desse país e teremos uma alavanca fortíssima. Caso contrário, ainda vamos sofrer um pouco.

A conquista da Copa nos deu uma sensação falsa. O próprio Felipão elogiou a estrutura do futebol brasileiro, dizendo que é a melhor do mundo. O penta ajuda a manter esse sistema que é denunciado?

Eu penso que pelo fato do Brasil ter ganho a Copa vai mudar muita coisa. Parece que porque o Brasil ganhou está tudo bem, que o nosso povo está cheio de dinheiro, então as coisas vão continuar na mesma. O futebol vai continuar ganhando? Tomara que sim! Mas acho que não vai mudar enquanto nós não conseguirmos derrubar esta questão do poder econômico. Daí eu acho que todos nós seremos felizes.

O Ronaldinho é realmente um fenômeno, pode ser considerado um dos melhores do mundo, ou na verdade quem jogou bem foi o grupo?

O grupo jogou muito bem, mas ele se destacou porque é um jogador muito perigoso, com uma velocidade incrível, sabe se projetar muito bem dentro da área e tem visão de jogo. O Ronaldo se recuperou muito bem, coisa que a maioria dos jornalistas do mundo inteiro não acreditava, inclusive nós do Brasil. Eu torci muito pelo futebol dele, acho que foi o melhor. Só tive esta grande decepção, infelizmente, por causa de seu comportamento irresponsável. O Ronaldo não precisava disso. E se ele teve este comportamento alguma razão ele tinha para fazer.

por Fagner Fagundes, Helena Kempf, Marco Tomazzoni e Yara Bueno

“Driblar é dar aos pés astúcias de mão.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Chovia na pacata cidade de Dois Irmãos, considerada o Portal da Serra Gaúcha. Lugar tranqüilo e aconchegante que guarda seu estilo colonial herdado dos primeiros colonos imigrantes alemães. Náufragos do navio Cecília, esses imigrantes iniciaram sua saga quando deixaram o porto de Hamburgo, em 1827, e conseguiram aportar no Rio de Janeiro dois anos após, no dia de São Miguel. Ocuparam a região em pequenas propriedades agrícolas em torno de uma picada grande, aberta no sentido norte-sul do município, onde hoje é a principal avenida da cidade.

canos e sabe-se lá o que mais.

Mas foi depois do segundo gol que a algazarra não parou mais. Os balões verdes e amarelos, que enfeitavam o salão, eram estourados um a um pelos torcedores mais afoitos. A barulheira era infernal. Foram para a avenida, agitavam a bandeira nacional e juntaram-se a outros torcedores que começaram a aparecer de todos os lados. Em seguida, a chuva foi parando, um carro de música estacionou em um largo e uma carreta buzinando cortava a aglomeração exaltada. Uma festa improvisada, descontraída e democrática.

Engana-se quem pensa que os germânicos e seus descendentes são frios e pouco cordiais

mas porque está na tradição da sua cultura o gosto pela dança, pela cantoria, pela música, pelas festas. Mesmo sendo descendentes de alemães, têm, sem dúvida, alma brasileira, e torceram animadamente pelo Brasil.

Euforia — Tanto que, em meio à chuva e ao tênue sol do meio-dia, o amarelo e o verde, a cerveja e o chope, as buzinas e as músicas, os gritos e os

Folia em território alemão

Enquanto o Brasil inteiro caía no forró ou no samba, em Dois Irmãos a comemoração foi ao som de uma banda de Kerb

Alemães pelo Brasil — Nessa avenida, em frente à capela de São Miguel, a Sociedade do Canto Santa Cecília era o ponto de encontro de um grupo de torcedores que assistia à final da Copa. O entusiasmo aumentava a cada lance — e explodiu após o primeiro gol. Numa terra de colonização alemã, todos torciam pela Seleção Brasileira. Torcedores empolgados de ambos os sexos, de todas as idades e etnias. Sim, porque em Dois Irmãos há também descendentes de portugueses, índios, afri-

Valia tudo, desde o Hino Nacional até Baba Baby. Só que, enquanto pelo Brasil afora, uns caíam no forró ou no samba, em Dois Irmãos a comemoração foi ao som de uma banda de Kerb, com músicas cantadas em alemão para comemorar a vitória do Brasil.

Quem pensa que os germânicos e seus descendentes são frios e pouco cordiais, engana-se e desconhece o entusiasmo contagiante dos festeiros de Dois Irmãos. Não porque eles tenham perdido suas raízes germânicas,

pulos, os sorrisos e os abraços, tudo fez parte da comemoração. Pura euforia e orgulho de ser brasileiro. Como outros tantos torcedores de cada canto do país, esqueceram qualquer coisa, seja a crise econômica e social ou algum problema pessoal, e vibraram com a vitória do Brasil sobre a Alemanha. Quase duzentos anos depois da chegada em Dois Irmãos dos adversários daquela manhã.

por Carlos Eduardo Kusler



A comemoração foi em frente à Sociedade do Canto Santa Cecília

“O tempo é uma convenção que não existe, nem para o craque nem para mulher bonita”

NELSON RODRIGUES

13

Fotos: Marianna Barboza



De um lado da tela, o grito da Juventude. Do outro, o silêncio deles

Onde a Copa é silenciosa

Uma enfermeira pergunta se eles não vão comemorar. Nenhuma resposta

Se intruso não é uma situação fácil. Entrar em lugares que não se conhece pode tornar o ato de respirar incômodo. Assim provavelmente se sentem os que entram no Asilo Padre Cacique. Arquitetura imponente, pés direitos de quase três metros e paredes descascadas e frias. O silêncio está presente, o que faz crer que existem regras internas.

Entretanto, os que conhecem as regras não são hostis, talvez apáticos, e logo agradecem a atenção da visita. O primeiro torcedor que encontramos, já de camisa amarela às 7h20, avisa

que seu nome não é fácil de entender. Seu Jetro foi o primeiro a nos receptionar e o último com quem falamos. Após o jogo, não titubeia em tirar o casaco que esconde a camisa da Seleção e posar para fotos.

Antes das 8h, eles já estão tomando café da manhã no refeitório. Alguns estão na missa na capela interna, adiantada duas horas em função do jogo. Os enfermeiros se juntam aos internos durante a comida. O clima não lembraria em nada uma final de campeonato mundial se não fosse seu Artur, que esfrega as mãos, ansioso pelo começo da partida, e solicita que aumentem o volume da televisão.

“Tenho o palpite de que vamos tomar um suador”, prevê. É um senhor



sorridente, que vive no lar para idosos há 15 anos. A calma rotineira do local, sem grandes eventos comemorativos, faz com que seu Artur estranhe a torcida e a agitação lá do estádio: “mas tem povo, hein? Barbaridade”. Ele coloca sua cadeira a meio metro da televisão suspensa. As 20 polegadas não parecem proporcionar uma visão apurada para olhos velhos.

Lembranças do passado — “É lindo o Hino, não?”, comenta um senhor que faz questão de avisar que acabou de passar por uma cirurgia na barriga. “Minha irmã vem hoje?”, repete algumas vezes um deles. Suas mãos se mexem rapidamente. Não seria a única vez que o veríamos.

De 140 internos, cerca de dez assistem à partida no refeitório, sentados nas mesas espalhadas pela sala retangular. À tarde, acontece a festa junina do Asilo e as bandeirinhas coloridas dividem espaço com tiras verde e amarelo. Seu Floriano carrega um radinho vermelho. A narração da rádio é muito melhor, principalmente com as antigas estrelas da Gualba e que agora estão na Gaúcha: Ranzolin, Ostermann, Lauro Quadros, explica o senhor que assistiu à sua primeira copa em 58.

Aos quinze minutos do primeiro tempo, Artur se levanta, indignado com a violência dos jogadores. “É pra cartão vermelho!”, protesta. Uma única senhora junta-se a nós, Ilda Keller.

Seu Floriano nos lembra que, sim, os de fora são muito bem-vindos. Ele quase não assiste ao jogo para poder contar com todos os detalhes o seu cotidiano e a sua vida antes de chegar, há cerca de um ano. Fora sua voz, o silêncio predomina na maior parte do jogo. Alguns lamentos baixos pelos lances perdidos e iniciativas alemãs.

Em seguida, descobrimos que o local tem seu próprio fotógrafo. Seu Wally tira algumas fotos da platéia. O mesmo silêncio fora da sala. Alguns encolhidos em cobertores estão alheios ao jogo. Na enfermaria, a televisão não faz falta, já que ninguém pergunta pelo jogo. Artur sofre quando o goleiro alemão defende o chute de Rivaldo. Mas a bola volta, e Ronaldo, no rebote, marca Brasil um a zero.

Alguns berros femininos juvenis lá fora. A platéia ganha um senhor magrinho e atento, que não senta de jeito nenhum. Ansiedade? “Minha perna dói.” Eles conhecem sua fragilidade. Um pergunta ao outro: “Como vai o coração?” Os nove ou dez que ali estão começam a se mexer e torcem mais com os braços, as pernas e as gargantas. Ronaldo parece sentir a vibração quando ajeita a bola na entrada da grande área e chuta com força, marcando o segundo gol.

Ninguém comemora? — Sim, parece que seremos pentacampeões, que dali a minutos milhões de brasileiros sairão às ruas comemorando a vitória. Em volta, alguns sorrisos, mas a maioria parece ter o mesmo olhar triste. Floriano canta no coral e, aos 43 minutos do jogo, nos brinda com uma valsa de Francisco Petrólio.

Quando o narrador já dá a vitória ao Brasil, o cheiro do almoço começa a invadir o salão, mesmo que o relógio não marque nem dez horas. Artur não está interessado no menu e conta que no asilo é tudo cedo mesmo: acordam às cinco da madrugada e almoçam antes do meio-dia. Segundo ele, a derrota seria motivo para uma “bela greve de fome”.

“Minha irmã vem hoje?”, repete algumas vezes um deles. Suas mãos se mexem rapidamente.

O juiz apita. Alívio para Artur Nunes e seu estômago. Mais gritos femininos. A autora, uma enfermeira risonha, entra na sala e, quase berrando, pergunta se eles não vão comemorar. Nenhuma resposta. Os velhinhos já estão em pé, em direção aos quartos. Seu Artur permanece parado, sorridente. Alegria pela visita, e pelo título principalmente. Assim que começamos a despedida, Floriano pega suas fotos, o radinho e desaparece. Vamos caminhando pelos corredores que estão vazios. Rosilene, cabelos brancos, roupão cor-de-rosa, caminha vagarosamente em nossa direção. Os braços estão abertos. Diz baixinho: “O Brasil ganhou” e, em seguida: “Obrigada”.

por Marianna Senderowicz e Mariana Barboza

“Deixei de acreditar em Deus no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã”

CARLOS HEITOR CONY

Minha Nossa Senhora!

Nem mesmo a final da Copa diminuí a fé dos fiéis. Depois da missa, a comemoração é com foguetório – e bombons

Os padres e seminaristas da Paróquia Santa Izabel, em Viamão, estavam pouco interessados em orações. Naquele dia, queriam torcer pela Seleção, mas os fiéis não podiam ficar de lado. Como todo santo domingo, havia missa às nove da manhã.

Mesmo assim, Padre Valdir não quis perder os primeiros lances do jogo. Preparou cedo a batina, as hóstias e o vinho. No pontapé inicial estava em sua casa, ao lado da igreja. “Eu gosto de futebol, mas não há por que deixar de realizar a missa sabendo que as pessoas vêm rezar com ou sem final de Copa do Mundo”, justificava.

Antes da partida começar, uma fiel buscava consolo. Padre Aldino passou os primeiros 15 minutos do jogo atendendo a senhora, que soube da morte de uma prima. “Os fiéis nos procuram para uma palavra de consolo em qualquer momento, e temos que ouvi-los, afinal é a nossa profissão”, dizia o sacerdote.

O café da manhã foi preparado no

intervalo do jogo, com farta quantidade de alimentos. “Não é à toa que as pessoas dizem ‘comi como um abade’”, brincava padre Eleoclíades. Foi ele quem iniciou uma discussão sobre a alienação provocada pela Copa do Mundo: “As vitórias da Seleção fazem o povo esquecer dos problemas e das imposições dos nossos governantes. Hoje aumentou a gasolina e ninguém diz nada. Parece que tudo está maravilhoso, em paz, e que ninguém passa fome no Brasil”. Já Aldino emendou: “Seria bom se tivéssemos outros tipos de vitórias no nosso país”.

No começo do segundo tempo, padre Valdir iniciou os primeiros ritos da missa que foi encerrada mais cedo. “Resolvi encurtar o sermão. Fomos interrompidos com gritos e foguetórios do lado de fora, por causa do primeiro gol”, esclareceu. Pelo número de hóstias que distribuiu, cerca de 20 pessoas estavam presentes, a maioria mulheres idosas. Para ele, grande parte dos fiéis achou que a missa havia sido cancelada.

De volta à sala da televisão, Valdir pôde ver o segundo gol e os últimos momentos da vitória. “Sorte que deu para acompanhar os lances finais”, comemorava. “Acho que Deus esperou eu chegar, já que estava num importante compromisso”, completou.

Durante toda a partida, não se viu nenhum sinal da cruz, tampouco se ouviu alguma oração. Padre Aldino apenas segurava firme um crucifixo pendurado no pescoço. Na comemoração do segundo gol, Marcos, estudante de Filosofia, fez uma única menção religiosa: “Minha Nossa Senhora, que golaço!”

Um grito de Eleoclíades anunciou a vitória, comemorada com abraços e exclamações. O seminarista Alexandre estourou um foguete, mesmo as com ressalvas dos companheiros. Padre Aldino pediu que alguém trouxesse algo para comemorar. Dois minutos depois, bombons eram distribuídos para celebrar o penta.

por Rafael Oliveira



Mariana Barboza

“Deus esperou eu chegar. Já que estava num importante compromisso”

Portão aberto: “ninguém vai te impedir de sair daqui”



Presos pela consciência. E pelo penta

Em regimes aberto e semi-aberto, detentos de albergue penitenciário não arredam pé da frente do televisor

rua e terão que assistir ali à final da Copa do Mundo.

Mas se quisessem era só sair: o portão que dá acesso à rua Rócio fica permanentemente destrancado. Isso, diz M., é estar preso pela consciência.

São quatro os detentos, além de M. Se o preconceito forma o estereótipo do criminoso, cara enfezada, modos rudes, certamente o perfil não bate com o deles. Alemão bonachão, ri por qualquer coisa: homicídio. Paulista, educado, sotaque carregado e fala correta, erros do infinitivo e esses do plural: tráfico. Negrinho tipo Edilson e um magro alto e irrequieto estão animados, enquanto M., celular na cintura, banho recém tomado, relata: “Minha história

é longa. Eu era militar e caí no mundo do crime. Comecei a assaltar por influência dos colegas, aí um dia um deles caiu e me caguetou”.

A origem dos que estão alojados no prédio da guarda é parecida, diz M. Muitos são ex-policiais. O lugar é mais tranquilo. Nos outros prédios, porém, “só tem chinelagem. Há noites que não dá nem para dormir”.

Todos ali já passaram por outros presídios e, por bom comportamento, acabaram transferidos para o albergado. Quase uma colônia de férias se comparado ao Presídio Central, logo em frente, ou ao temido “mato” — o nome que dão à penitenciária estadual de Charquedas. “Lá, se eles não gostarem

de ti, te matam na hora”, assusta M.

Ele conta vantagens, fala do seu tempo de Presídio Central, da amante que o visitava lá, de como mantém distância da “chinelagem” do albergue. Outro dia, espancaram um no prédio de cima. Quando sair, ele quer derrubar os caras que o caguetaram no tempo do quartel. Gostaria de procurar a imprensa, mas alerta: “O repórter tem que ter amor a vida dele. Viu o Tim Lopes? Ele era X-9, informante da polícia. O pessoal aqui comemorou quando mataram ele”.

Close na Taça Fifa. Os cinco brincam que, se estivessem lá, iriam levá-la na mão grande. M. estende o mate e um homem mais velho ronca na cama de

cima. O Brasil é penta e os celulares tocam no albergue. São parentes ligando para comemorarem juntos, nem que seja pelo telefone. Outro pede um cartão telefônico e vai ao orelhão, gritar para alguém do outro lado.

Um apenado, eufórico com a conquista, invade o prédio da guarda, gritando: “Quero sair! Me deixem sair e eu volto na terça!” Ele quer ganhar às ruas e voltar só quando estiver cansado de fazer festa.

Mas o agente penitenciário nega o pedido. Conformado, o homem volta ao seu alojamento. Ele está preso pela consciência e, agora, pelo penta.

por Daniel Cassol

“Ninguém vai te impedir de sair daqui. Mas, se o agente ficar sabendo, vai ter pra ti. Estamos presos só pela consciência.”

M., quarenta e poucos anos na cara bem barbeada, é um dos poucos detentos que está na Casa de Albergado Pio Buck, bairro Partenon, Porto Alegre, na volta do televisor colocado num dos beliches do alojamento. A maioria dos 371 presos está fora, liberados pelos regimes aberto e semi-aberto em que vivem. Os que ficaram gastaram seus finais de semana do mês na

“Quando pelo mundo suplicando: uma linda jogada, pelo amor de Deus! Quando acontece o bom futebol, agradeço o milagre, sem me importar com o clube ou com o país que o oferece”

EDUARDO GALEANO

15

Cabo Verde quer o penta

Estudantes caboverdianos residentes em Porto Alegre comemoram o penta como se fossem brasileiros.

“Como gostaria que tudo isso estivesse acontecendo com o futebol do nosso país”

O arquipélago de Cabo Verde nunca participou de uma Copa do Mundo, mas o futebol sempre fascinou o seu povo. Sem tradição nenhuma na prática do esporte, jamais passou das eliminatórias para a Copa, das três que participou. O que restou a este pequeno país de meio milhão de habitantes foi torcer pela seleção dos outros.

Os países preferidos são os que têm o português como língua oficial — Portugal e Brasil. Nos últimos anos, a ascensão de seleções como da Nigéria e de Camarões fizeram com que os caboverdianos voltassem os olhos para o futebol do seu continente. Apesar disso, a grande paixão pelo futebol de brasileiros e portugueses prevalece. As duas seleções dividem a atenção dos caboverdianos.

Paixão que aumenta entre os que vivem aqui no Brasil. Caso de Manuel Avelino Monteiro, estudante de Engenharia Elétrica da PUC-RS, morador da casa de estudante “CEUACA”. Admirador de futebol, com entusiasmo conta que, quando criança em Cabo Verde, ele e seu pai eram os únicos da família que torciam pela Seleção Brasileira. Começou assistir pela TV à Copa de 86 — Mundial do México — quando o Brasil foi eliminado pela França nas quartas-de-final. “Fiquei triste com perda do pênalti pelo Zico. Ele foi o jogador que mais me marcou na época, não só pelo seu futebol, mas pela coragem de ter jogado machucado”, conta.

Tragédias — Da Copa de 90, na Itália, Manuel só recorda apenas do “maldito” gol do argentino Caniggia que eliminou o Brasil. Quatro anos depois, nos Estados Unidos, a alegria haveria de contagiar o estudante: o Brasil era tetracampeão. “O que mais me fascinou foi ver o embaixador do Brasil em Cabo Verde ao lado dos funcionários da embaixada festejando o título.”

Mas no futebol nem tudo é feito só de glórias. O estudante caboverdiano assistiria a pior das decepções do Brasil numa final, a derrota para França por três a zero. Seu sofrimento foi maior porque ele já estudava no Brasil.

A décima oitava edição do campeonato mundial se revestiu de significado muito especial para o estudante universitário. Ele admira Felipão, por ter sido treinador do Grêmio, clube pelo qual Manuel se apaixonou desde que chegou ao Brasil, em 1996. A cada vitória brasileira via o pentacampeonato mais perto. Viu seleções fortes como

França, Argentina, Itália e Inglaterra ficarem pelo caminho, deixando o percurso do Brasil cada vez mais fácil.

No domingo, ele é acordado por um colega caboverdiano, por volta das sete da manhã. Juntos quebram o jejum a base de sucos, fatias de bolos e frutas. Manuel acompanha a partida no quarto número dois do “CEUACA”. Com seu conterrâneo, comenta os lances de ambos os lados. Até que termina o primeiro tempo da disputa.

Apreensivo com o resultado, ele oferece uma cerveja para o amigo. Inicia a etapa complementar, Manuel sob o cobertor, de onde só sairia aos 21 minutos, em pulos direto a janela gritando o gol do Ronaldo. Não voltou a deitar. Aos 33 minutos, reforçaria o primeiro grito com segundo gol da Seleção, abraçando seu pátrio. Do quarto, escutavam-se gritos de “é penta, pentacampeão...”

Roda-viva — Com o apito final do juiz e o início da cerimônia de entrega dos troféus, Manuel Avelino sai para rua em companhia do amigo Antonio Victor, ignorando a chuva. São quase onze horas e a rua está cheia de gente que ri, brinca e se abraça. De cada dez pessoas, nove envergam verde e amarelo. Os carros buzina e, das janelas dos edifícios, pessoas exibem a bandeira brasileira. O destino dos caboverdianos é a rua Lima e Silva, onde se escuta uma mistura de sons de tantã e pandeiros: é o samba pegando num dos bares. A euforia e o entusiasmo tomaram a conta do povo numa autêntica roda-viva. Todos queriam festejar de forma intensa. Num ajuste de contas com a história recente que teimava em dizer que os brasileiros eram decadentes no futebol.

Felizes, Manuel e colega entram no clima de festa e por lá ficam entre os goles de cervejas e as manifestações de alegrias dos mais ruidosos e espontâneos. Mas algo o atormentava: “Como gostaria que tudo isso estivesse acontecendo com futebol caboverdiano”. E se uma verdade pode ser retirada de tudo isto, ela não deixa de ter a sua ponta de crueldade: a língua portuguesa na África terá de esperar por alguns anos para comemorar um triunfo ou pelo menos se igualar ao bom desempenho de Senegal no Mundial da Coreia e do Japão.

por José Henrique Barbosa,
caboverdiano



Helena Kempf

A língua portuguesa no continente africano terá de esperar alguns anos para comemorar um triunfo ou pelo menos se igualar ao bom desempenho de Senegal

“Durante a Copa do Mundo na Suécia, substituí vários ministros e não houve uma única palavra a respeito nos jornais”

JUSCELINO KUBITSCHECK

Às voltas com as emoções da disputa do pentacampeonato, a imprensa brasileira fingia que não via os sérios abalos que ocorriam na economia do país naquele mês

“O Brasil está condenado a eleger Serra ou mergulhar no caos, que virá por uma profecia que se autocumpra. Os mercados acham que Lula dará o calote e se previnem, apostando contra o Real. Se Lula vencer, assumirá em condições financeiras tão dramáticas que só lhe restará dar o calote que o mercado previa. No capitalismo global, só votam os americanos, os brasileiros não votam.”

A frase acima deveria estampar a primeira página de todos os jornais brasileiros. Deveria também causar uma enorme indignação em boa parte dos 170 milhões de brasileiros que, durante anos, lutaram nas ruas pelo direito ao voto. Deveria causar protestos tão grandes que o seu autor talvez fosse obrigado a pedir desculpas por sua opinião infeliz. Mas nada disso aconteceu. Não fosse durante uma Copa do Mundo, esta declaração do mega-investidor americano George Soros ao jornalista Clóvis Rossi reper-

cutiria como nunca. Mas a maior parte dos meios de comunicação brasileiros se preocupou apenas em manter a população bem informada sobre os passos da “Família Scolari” rumo ao título mundial.

Durante o mês de junho, Soros e sua turma causaram uma das maiores turbulências da história da economia brasileira, ao declarar que o país tinha deixado de ser uma boa opção para suas aplicações. De uma hora para outra, o Brasil passou a ocupar o segundo lugar na tabela do risco-país (que poucos sabem como funciona ou por quem é controlada), ficando atrás apenas da vizinha (e quebrada) Argentina.

Como resultado, bancos e instituições financeiras dos quatro cantos do mundo levaram seus dólares para portos mais seguros, preocupados em garantir sua sobrevivência. No embalo, as bolsas de valores caíram (a de São Paulo fechou o mês com 13,3% de desvalorização), e a cotação do

dólar disparou, chegando a R\$ 2,885 — a mais alta da história do Plano Real até aquele momento. Para se ter uma idéia, os estrangeiros tiraram do mercado cambial brasileiro o equivalente a R\$ 769 milhões, sem contar a redução em investimentos.

A razão para tamanho desespero era a possibilidade de um ex-metalúrgico, com um passado de críticas ao modelo econômico baseado na especulação, vir a se tornar o ocupante do mais alto cargo executivo do país. Apesar de Lula afirmar que abandonou a idéia de calote das dívidas, defendida em pleitos passados, e garantir que vai manter o controle das contas e metas de inflação, o mercado financeiro internacional não simpatizava com uma vitória da esquerda. Como profetizou Soros, que já se tornou uma espécie de porta-voz da classe, uma vitória do candidato petista levaria o Brasil “ao caos”.

Mas, afinal de contas, por que o Bra-

sil é um país tão vulnerável? O principal motivo é a dívida interna, que chega a R\$ 685 milhões. Para se ter uma idéia do tamanho do problema, isso representa 55% de tudo o que país consegue produzir em um ano. Além disso, há ainda a dívida externa, que chega a US\$ 132 milhões. Com valores tão altos, não há como negociar em condições de igualdade com outras potências econômicas. Também não se pode evitar que os especuladores espalhem os mais diversos tipos de boatos sobre a saúde financeira do Brasil.

Os dois homens fortes da economia brasileira, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, foram categóricos ao afirmar que a situação era “controlável”, e lançaram medidas e mais medidas para comprová-lo. Enquanto Malan é o responsável por cortes no orçamento federal, Fraga (que, antes de ser presidente do Banco Central, era funcionário de George Soros) coordena a liberação de milhares de dólares no mer-

cado para tentar conter, a todo custo, a desvalorização do Real.

O maior medo dos brasileiros atualmente é a possibilidade do país virar uma nova Argentina. Apesar dos economistas explicarem que as situações são diferentes, não há como ter tranquilidade, ainda mais com as declarações de que uma vitória de Lula aceleraria este processo.

George Soros se tornou uma espécie de porta-voz do mercado mundial, que tem medo de uma vitória da esquerda brasileira

Em outubro, o eleitorado brasileiro terá duas opções: eleger o candidato da situação, e, mesmo assim, continuar correndo o risco de um colapso econômico e social, ou “pagar para ver” e eleger o primeiro governo “de esquerda” no Brasil. A decisão será difícil, mas não cabe a George Soros e sua turma.

por Fagner Fagundes

Enquanto a bola rolava



“O futebol é o ideal da sociedade perfeita: regras simples, que garantem a liberdade e a igualdade dentro do campo, com garantia de espaço para a competência individual”

MARIO VARGAS LLOSA



Fotos: Yara Bueno



Malabarismos para chamar atenção numa noite de fraco movimento na avenida Farrapos

Cristiane contou do sonho que teve na antevéspera da final da Copa, partida cancelada porque os jogadores do Brasil haviam sido presos. Por mal comportamento, anunciou Galvão Bueno. O apresentador ainda comentou que nunca tinha visto tanta gente presa ao mesmo tempo: Ronaldo, Rivaldo e todos os reservas. Estávamos sentados numa mesa da Cidade Baixa bebendo vodka gelada pra passar o tempo. Aos poucos, o bar ia se esvaziando da manada de bebuns. Eu também já ia embora, descansar um pouco antes do jogo.

Seria a primeira partida à qual eu assistiria em todo o campeonato. Não tinha o menor interesse pelo esporte. Uma espécie de abnegação, herança paterna que contaminava minhas células assim como o, digamos, alcoolismo. Papi sempre detestou futebol e nunca me presenteou com aquela primeira bola que os fedelhos começam a chutar assim que se põem de pé. Na ânsia de me ver engenheiro, deve ter me dado uma calculadora científica. Entretanto, sendo brasileiro e fazendo

parte da população de 170 milhões de treinadores, eu também queria dar as minhas apitadas. Afinal, a final da Copa do Mundo era (como se diz nas faculdades) um espetáculo midiático de primeira, e o futebol poderia ser uma subcultura tão interessante quanto rock, drogas, numismática, filatelia, etc. Além do mais, como eu morria de ciúmes do David Coimbra porque minha namorada passava elogiando os textos dele, pensei em escrever uma linda crônica futebolística que falasse, enfim, de relacionamentos humanos e que a deixasse super impressionada com meu estilo irônico, imitação de algum autor que, com sorte, ela ainda não tivesse descoberto na prateleira.

Adormeci no edredon macio, não sem antes ajustar o despertador para às 07:59. O foguetório me despertou às três pras oito. Liguei a TV e fui dar uma mijada. Voltei pro quarto e a partida já tinha começado. A antena estava com um mau contato horrível e era impossível distinguir a pelota no chuvisco de pontos brancos da tela. Com as vistas cansadas e recostado no tra-

vessieiro ainda quente, peguei no sono. Sonhei.

O ruído alienígena da transmissão penetrou em ondas no meu córtex cerebral, moldando a trama de minhas fantasias. Estava em Yokohama — a grama transgênica embaixo dos pés. Era um dos jogadores (acho que o Ronaldinho). 73 mil pessoas ao redor e uma adrenalina incrível correndo em minhas veias. De um estranho modo, meu uniforme não parecia apropriado. Quando me dei conta, estava nu no centro do estádio. Diante do espanto e do embaraço, quase perdi o domínio da bola, que agora surgia nos meus pés. Cafu gritou palavras de incentivo mas eu ainda não compreendia como haviam permitido que eu jogasse sem o uniforme. O técnico também parecia relevar aquele gravíssimo erro de conduta que, no meu leigo entendimento, seria digno de uma expulsão. Percebendo que a nudez não era nenhum impedimento, acelerei o passo. O time adversário não poderia ser mais surpreendente. O ataque era composto por todas as minas que eu já sacaneei na vida, ex-mulheres, ficadas

casuais comidas e descartadas, gordinhas feias com quem impliquei na escola. Tinham um olhar satânico e eram completamente mal intencionadas nas divididas. Na defesa, uns carinhas de uma banda que eu tinha detonado numa resenha me esperavam ávidos. O goleiro era o Oliver Kahn, mas às vezes se transformava num orangotango. O treindador era o Clint Eastwood. No banco de reservas uns antigos desafetos dos quais eu nem lembrava aguardavam ansiosos por uma substituição.

Mesmo com os níveis de hostilidade indo a máximo pico, segui rumo à grande área. Minhas pernas não correspondiam à força que eu lhes impingia. Vagava em câmara lenta pelo campo e a goleira luzia distante como um ponto estático no horizonte. Chutei. A bola desenhou um arco no espaço e mergulhou até o gol. Alegria, final feliz! Parto pra comemoração, dedo em riste e os dentes expostos num sorriso de abobado. Uma massa indistinta de japoneses me aclama em euforia, olho para os colegas de seleção emocionado. No entanto, eles me encaram de

volta com uma expressão coletiva de desaprovação. Insultam-me com palavras impúblicas, que não consigo escutar mas leio em seus lábios. Felipão me repreende de longe e quando me aproximo vejo que é, na verdade, minha mãe, brava feito um tigre, rugindo blasfêmias contra o filho desnaturado.

Procuro o placar eletrônico, a contagem marca zero para o Brasil. O gol foi contra. Galvão me achincalha em cadeia nacional, anuncia uma reportagem especial só com os podres da minha biografia gravados em câmera escondida: brochadas, consumo de substâncias ilícitas na adolescência, furto de CD na Multisom, fracassos financeiros, promessas não cumpridas. Uma vida repleta de cagadas, a seguir, na programação: o fim prematuro da minha carreira jornalística.

Acordo com os foguetes e a gritaria desatinada. Gol de verdade do Brasil, do Ronaldinho de verdade. Respiro aliviado. A televisão continua pegando mal. Saio da cama, coloco as roupas e vou pra rua. Num boteco da Riachuelo, dois velhinhos e uma família assistem ao jogo. Peço uma cerveja e o garçom, agachado em frente à TV, ordena que eu mesmo pegue a bebida.

Duas latinhas depois, o Brasil é pentacampeão.

por Leo Felipe

Crônica futebolística pra impressionar namorada

Cenas de Porto Alegre no dia 30 de junho de 2002. Abaixo, um vendedor tenta arranjar algum cliente na madrugada anterior à final entre Brasil e Alemanha. A manhã começou com a chuva prenunciada no dia anterior. Ao lado, o gaúcho que sempre aparece de vermelho no Estádio Beira-Rio dessa vez vestiu as cores do Brasil. À direita, a Lancheria do Parque, que nunca pára - nem mesmo em decisão de Copa do Mundo.

Yara Bueno



Marco Tomazzoni



O que a gente viu da final

Helena Kempf





FABICO 2002/1



**três por quatro
copa do mundo**

Longe do glamour de uma decisão de Copa do Mundo, treinador dá uma aula de estratégia na batalha do Parque Tamararé · Em um coletivo da linha T1, pessoas que, apesar ou por causa do jogo, deslocavam-se pela cidade sem chance de assistir à vitória brasileira · Não era uma noite normal naquela boate no Centro da cidade · “Foi só Sukita com cachaça, como pode fazer mal?” · Quem assistiu à final na estação rodoviária, em Porto Alegre, pôde testemunhar dois acontecimentos extra-sensoriais – e uma quase profecia que caiu dos céus.

A gente simples do Albergue de Caxias do Sul ainda espera por sua vitória · Em um assentamen-